

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE FILOSOFIA**

GABRIEL DE SENA

A FINALIDADE DO HOMEM: O BEM SUPREMO EM ARISTÓTELES

CAMPINAS

2021

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE FILOSOFIA**

GABRIEL DE SENA

A FINALIDADE DO HOMEM: O BEM SUPREMO EM ARISTÓTELES

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, para obtenção do grau de bacharel, sob orientação do Prof. Dr. Pe. José Antonio Trasferetti.

CAMPINAS

2021

GABRIEL DE SENA

A FINALIDADE DO HOMEM: O BEM SUPREMO EM ARISTÓTELES

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, para obtenção do grau de bacharel, sob orientação do Prof. Dr. Pe. José Antonio Trasferetti.

Trabalho julgado e aprovado pelo docente responsável em:

 / /

Prof. Dr. Pe. José Antonio Trasferetti – PUC Campinas

AGRADECIMENTOS

Dou Início aos meus agradecimentos rendendo graças a Deus meu Pai e a Maria Santíssima Sua Santa Mãe. A São José meu pai e senhor o qual tem muito me ajudado nestes anos de seminário e tem nutrido a minha vocação, assim como foi pai nutridor de Jesus, é meu pai espiritual.

Ademais, expresso meu agradecimento:

Aos meus pais e familiares, amigos e especialmente *in memoriam* minha tia Maria da Conceição, berço de minha vocação, que acreditam e zelam por minha vida de unidade com Deus, minha vocação.

A Arquidiocese de Campinas, minha Igreja particular na qual sinto-me em casa e bem acolhido. Minha gratidão ao nosso Arcebispo e Grão-Chanceler da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, o Excelentíssimo e Reverendíssimo Dom João Inácio Müller.

Agradeço aos meus formadores, que muito nos conduziu com os encaminhamentos e auxílios necessários. Da mesma forma que participantes do Sacerdócio de Cristo, se fizeram presentes na formação de minha dimensão espiritual, da qual devemos crescer e chegar a ser mestres da vida interior, esta é nossa vocação. Nomeio cada um deles expressando minha gratidão e prece: Padre Paulo Roberto Sampaio Staut, meu primeiro reitor, na etapa do Propedêutico, que me acolheu com grande carinho paternal; Padre Jonas Barbosa da Silva e Padre Odair da Costa Nogueira, na etapa do Discipulado – Filosofia, nos conduzindo na importante etapa do estudo da Filosofia.

Aos meus irmãos de seminário o meu agradecimento, pois são os que com muita proximidade convivem e partilham das mesmas lutas e desafios, gratidão pelo auxílio e convívio.

Aos caríssimos padres que estão se fazendo presentes em minha experiência pastoral, proporcionando a graça de minha proximidade para com eles, os Ministros de Deus, logo, em estreito contato com o povo santo, agradeço-vos. Em minha Paróquia de origem dou graças pelos Padres: Cônego José Luiz Nogueira Castro pároco desde

minha infância, piedoso sacerdote; e Padre Marcel Gustavo Alvarenga. Aos queridos Padres de Pastoral: Padre Marcel Fabiano Prado e Monsenhor Décio Ravagnani – Paróquia Nossa Senhora do Rosário – Hortolândia; Padre Rogério Canciam – Basílica Nossa Senhora do Carmo; Padre Rafael Capelato e Padre Caio Augusto de Andrade – Paróquia Nossa Senhora da Conceição, Catedral Metropolitana, meu especial agradecimento.

A Pontifícia Universidade Católica de Campinas, especialmente aos Docentes da Faculdade de Filosofia, meu agradecimento.

Ao querido e amado povo de Deus que tem muito contribuído para minha formação e vivência cristã, especialmente com suas generosas e constantes preces, que por mim e minha vocação dirigem amorosamente a Deus.

Ao Prof. Dr. Pe. José Antonio Trasferetti, pela atenciosa orientação desta monografia durante o desenvolvimento dela mesma e do seu respectivo projeto.

Ao Padre Caio Augusto de Andrade que no ano anterior era diretor de estudos no seminário e muito auxiliou na escolha do tema, bem como, agradeço com especial decoro ao Padre Claudio Müller, atual diretor de estudo do seminário.

Ao Padre Tarcísio Pereira Machado, diretor espiritual do seminário por toda proximidade e participação ativa durante todo o processo de formação e composição deste trabalho monográfico, inclusive com a tradução do resumo para a língua estrangeira.

“Em tudo amar e servir”.

Santo Inácio de Loyola

RESUMO

O presente trabalho monográfico tem por objetivo apresentar e desenvolver o tema da finalidade do homem. Finalidade esta, que é o *bem supremo*, e que chegaremos à conclusão de que seja este *bem superior*, a própria contemplação da verdade. O desenvolvimento se dará no pensamento de Aristóteles (385-322 a.C.). Será demonstrado com fundamentação em alguns dos principais conceitos da Ética aristotélica: um possível percurso do homem rumo ao fim último e perfeito, em vista do qual, todos objetivam todo seu agir. Se pretende com este texto, evidenciar o que seja a felicidade para o clássico filósofo, fazendo uso, também, das obras de seu seguidor, o Doutor da Igreja, Santo Tomás de Aquino. Por fim, veremos ser a felicidade a maior e mais perfeita operação do ser, fora da qual, o homem não se faz realizado.

Palavras-chave: Bem Supremo; Finalidade; Felicidade; Contemplação; Verdade; e Virtude.

ABSTRACT

The monographic works objective to present and develop the theme of the purpose of man. This end, which is the supreme good, and that we will reach the conclusion that it is this supreme good, the very contemplation of the truth. It will be demonstrated based on some of the main concepts of Aristotelian Ethics: a possible path of man towards the ultimate and perfect end, in view of which, everyone aims at all their actions. The text intends to show what happiness is for the classic philosopher, also making of this follower, the Doctor of the Church, St Thomas Aquinas. Finally, we will see that happiness is the greatest and most perfect operation of being, out of which man is not fulfilled.

Keywords: Supreme good; Goal, Happiness; Contemplation; Truth and Virtue.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
I. CONCEITO DE BEM E SUMO BEM NA ÉTICA ARISTOTÉLICA	12
1. ACENOS DA BIOGRAFIA E DO PENSAMENTO DE ARISTÓTELES.....	12
2. O BEM.....	16
3. O BEM SUPREMO – EUDAIMONIA.....	21
II. CAMINHO PARA O BEM: OPERAÇÃO DA VIRTUDE NA ALMA	26
1. AS TRÊS PARTES DA ALMA.....	26
2. VIRTUDES – CONCEITO DA MEDIANIA.....	33
III. A FELICIDADE DO HOMEM	40
1. NUANCES DA BIOGRAFIA DE SANTO TOMÁS DE AQUINO.....	40
2. O FIM ÚLTIMO DO HOMEM SUBLINHADO POR SANTO TOMÁS.....	43
3. A OPERAÇÃO DA FELICIDADE: CONTEMPLAÇÃO DA VERDADE – TEORIA ARISTOTÉLICA.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
BIOGRAFIA	53

INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico pretende desenvolver alguns conceitos fundamentais da Ética de Aristóteles (385-322 a.C.), face a finalidade do homem segundo a filosofia do clássico filósofo.

Aristóteles é autor de uma gama muito grande de escritos e obras consagradas na tradição filosófica, desde a antiguidade, estes textos filosóficos têm importante relevância e assim permanece tendo nos tempos atuais. Assumimos como biografia a sua obra principal quanto a Ética: *Ética a Nicômaco*, bem como outras obras das quais prestam serviço de fundamentação ou auxílio para o comentário do recorte que pretendemos desenvolver.

Nosso autor em sua obra apresenta uma Ética *teleológica*¹, que visa um fim determinado, e alguns conceitos e princípios basilares serão considerados, dos quais nos ateremos a desenvolver principalmente os que fundamentam a finalidade do homem, este é o recorte pretendido. A saber, os conceitos serão: o *bem* e o *bem supremo*; as partes da *alma* e o conceito de *virtude*, bem como, por fim, explicitando a finalidade da vida humana, definindo o que seja este fim: o conceito de *felicidade* e sua *operação*, que é em perfeição a contemplação da verdade.

No primeiro capítulo, nos atemos a considerar o importante conceito de *bem*, pois, é sabido que todo homem objetiva seus atos para este fim específico, cada ser vivo detém o seu fim. Diferenciando a variedade de bens, será enaltecido aquele que seja o *superior bem*, o último e mais digno, ao que tudo se inclina, que por fim sabemos ser ele a própria *felicidade*. O homem tende a buscar o que é *bem* e isto no desejo de encontrar o *bem superior*, que justamente é a realização humana.

Nos dois seguintes capítulos, a pretensão é de delinear um caminho rumo a finalidade do homem, que faz uso racional de sua capacidade intelectual, para alcançar sua *felicidade* que está no *bem* que é o intelecto. A linha deste trabalho lida com os conceitos que levam o homem a contemplação da verdade, do *bem superior*,

¹ Teleologia do grego *Télos*: o fim, como realizam plena da forma.

supra citado, que é o *fim último e perfeito* do homem.

Principalmente no terceiro capítulo, será feito uso das obras de Santo Tomás de Aquino, fiel seguidor da filosofia de Aristóteles. Sobretudo os *Comentários a Ética e a política* de Aristóteles, em que o S. Tomás, estritamente nas ideias do estagirita, comenta e oferece atualizada ordem para a teoria Ética do mestre.

A *felicidade* é operação própria do homem, nenhum dos demais seres, operam da mesma maneira. É a operação perfeita, pela qual e tão somente por ela, que o homem realiza-se plenamente.

CAPÍTULO I

CONCEITO DE BEM E SUMO BEM NA ÉTICA ARISTOTÉLICA

Os conceitos da Ética aristotélica, estão de forma vasta, presentes na história da filosofia como um todo. Os conceitos de *Bem* e de *Bem supremo*, enquanto finalidade do homem, são basilares na Ética de Aristóteles, e logo, são trabalhados como fundamentos da filosofia do autor. O objetivo da investigação é explicitar o conceito de *Bem* aristotélico no que se refere ao conhecimento do mesmo, enquanto consequência da prática do indivíduo.

Visto a importância de compreender o processo pelo qual passou o autor em sua vida, para produzir tamanha gama de escritos, apresentamos nuances da biografia de Aristóteles.

1. Acenos da biografia e do pensamento de Aristóteles

Aristóteles nasceu ao norte de Atenas, 300 quilômetros desta cidade grega importantíssima para o desenvolvimento filosófico, precisamente em Estagira, “nos confins da Macedônia”². Quanto a data, provavelmente é em meados de 384 e 385 a.C. havendo divergência entre as fontes. O Estagirita é filho do médico relevante, Nicômaco, que morre quando Aristóteles ainda era criança; sua mãe chama-se Féstias; e ainda em sua educação tem o tio, Proxeno, que após a morte de Nicômaco, auxilia na criação de Aristóteles³.

Nicômaco é médico e participa como membro da corporação ou fraternidade chamada *Asclepiades*, que são filhos ou de alguma forma descendentes do deus da medicina, *Asclépios*. O mesmo também é médico particular do rei macedônio Amintas II, que é avô de Alexandre⁴. Estando Nicômaco a serviço do rei, provavelmente Aristóteles, em seu curto tempo de vida junto ao pai, morou em Pela⁵.

Antes de sua morte, Nicômaco para participar da super valorização, realmente devida, da arte medicinal, da arte médica, honrando também o que vivera na

² Cf. REALE, Giovanni: ANTISERI, Dario. Filosofia: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 2017, V. 1, p. 191.

³ Cf. ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Tradução de Edson Bini. 4 ed. São Paulo: Edipro, 2014, p. 13.

⁴ Cf. Ibid., p. 13.

⁵ Cf. REALE. Filosofia: Antiguidade e Idade Média, 2017, p. 191.

fraternidade, transmitiu o ensinamento médico ao filho⁶. Aristóteles já em sua terna infância conhecia o corpo humano, a estrutura biológica da qual ele mesmo usará como plano de fundo, sendo possível fazer analogias em relação a sua expressão filosófica em diversos momentos; sendo empirista, ele usa da fauna e da flora, por exemplo, classificando-as, para explicar os fenômenos e o movimento da natureza e do homem em seus dilemas.

A infância do autor é um pouco nebulosa, quanto a veracidade dos fatos. Mas, por certo se tem, que em sua juventude, perto dos dezoito anos, Aristóteles se dirige para Atenas, onde encontrará o grande filósofo Platão, do qual será especial discípulo por longos anos, fazendo um caminho – aprendiz *versus* mestre – muito interessante. Disto se resulta a preciosa filosofia antiga, com especial elevação do que já se tinha, e ainda podendo dizer de fato, ser preciosidade o que se tem por desenvolvimento filosófico Platônico e posteriormente Aristotélico. O ocidente todo, tem de aceitar que se valeu do conjugado arsenal de Platão e Aristóteles. A concepção filosófica de Aristóteles influenciou e permanece a embasar a vida filosófica da contemporaneidade.

Por quase vinte anos, Aristóteles esteve junto de Platão na Academia platônica, ali teve o amadurecimento necessário para posteriormente, com a morte do mestre em 347 a.C., se retirar, pois, a Academia tomava rumos diferentes. Mesmo tendo ele laços de muita proximidade com Platão, as suas convicções não mais se encaixavam com as da Escola. Aristóteles, que anteriormente postulou teses da essência do platonismo, também propôs mudanças de rumos para os próximos dele (na Academia), inclusive rebatendo e propondo caminhos opostos aos da filosofia do mestre.

Têm-se presente, segundo os biógrafos do Estagirita, várias possibilidades para o seu envolvimento com Hércias, mas sabe-se com certeza um acontecimento incontestável. Aristóteles ensinou por três anos na Escola platônica Assos, em que Hércias patrocinou a disseminação e formação dos homens na filosofia do grande mestre de Aristóteles. Deve-se ao fato de que habitava em Assos junto de seu companheiro Xenócrates; também pela influência de Erasto e Corisco para com

⁶ Cf. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, 2014, p. 13.

Hérmias – que era homem de poder político e tinha esses dois como conselheiros. Neste período, aconteceu que Aristóteles casou-se com Pítia e tão logo a desposou, em 344 a.C.

Nesta fase importante da vida de Aristóteles destina-se para Mitilene, isto após a morte de Hérmias. Em Mitilene, o filósofo colabora com o estudo das ciências naturais, diferente do que postulou em Assos, que ficou mais centrado nas questões filosóficas mesmo⁷.

Por todo o destaque de Aristóteles, ele é escolhido para ser educador e mestre de Alexandre, isto em 343 ou 342^a.C., até que o menino, ainda com 13 anos de idade, chegar ao reinado de seu pai Filipe, o Macedônio, em 336 a.C.. Talvez ainda, tenha permanecido até 340 a.C.⁸. Aristóteles acompanhou e interagiu no governo célebre de Alexandre, já que fora muito bem aproveitado os ensinamentos do grande filósofo. Mesmo que, em muito, o que fora ensinado, tenham sido verdades estruturais do pensamento com face conservadora, que no reinado foram postas em prática, em certos momentos, Alexandre com sua forma única de governar, tenha descerrado “perspectivas históricas muito mais novas e mais corajosas do que aquelas que as categorias políticas do filósofo permitiam compreender”⁹.

Um momento auge e de muita importância na vida de Aristóteles é quando volta para Atenas e se tem a criação de sua Escola, em um formato novo e de grande eficiência filosófica. O Liceu, como seria chamado o lugar onde se instalava a Escola, era composto por uma alameda para o caminhar dos alunos. Como em um passeio, o mestre postulava a sua filosofia. Este era um novo modo de aprender e discutir a filosofia aristotélica. Quanto, ainda, ao modo de adentrar a filosofia do Estagirita, isto dava-se – supra citando – em “*conversação caminhando (peripatos)*”¹⁰ desta palavra grega *peripatos*, deriva-se também a tal filosofia “*peripatética*”¹¹.

Isto se deu em 335 ou 334 a.C., prolongando-se até a morte de Alexandre em 323 a.C., quando assume o comando da Escola, seu fiel seguidor Teofrasto. Este

⁷ Cf. REALE. Filosofia: Antiguidade e Idade Média, 2017, p. 191.

⁸ Ibid., p. 192.

⁹ Ibid., p. 192.

¹⁰ ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco, 2014, p. 15.

¹¹ Ibid., p. 15.

curto espaço de tempo, desde a fundação do Perípatos, foi de profunda consolidação filosófica e vasta produção por parte de Aristóteles, certamente os seus mais importantes trabalhos. O Estagirita vive um breve exílio em Cálcidas, morrendo em 322 a.C.¹².

Os escritos aristotélicos, importantíssimos para a civilização como um todo, são muitos, e bastante presentes na vida cotidiana, pois referem-se ao homem e a filosofia. No campo do presente trabalho, se tem por escrito principal: a *Ética a Nicômaco*, obra que floresceu na vida de Aristóteles no período de sua maturidade, sendo uma das mais famosas, junto aos livros da *Metafísica*. O Estagirita escreve então, na sequência, a *filosofia moral e política*. A nossa fonte de pesquisa fica como o esteio para os demais escritos. Junto a *Ética a Nicômaco*, que foi dedicada ao seu familiar, acrescenta-se, *Grande Ética*, *Ética a Eudemo* e *Política*, que são como super assinalado, os mais importantes escritos sobre a *Ética*¹³.

¹² Cf. REALE. *Filosofia: Antiguidade e Idade Média*, 2017, p. 192.

¹³ *Ibid.*, p. 193.

2. O Bem

Cabe no início deste trajeto, expor o conceito fundamental dentre a teoria de Aristóteles quanto a vivência do homem neste mundo, bem como, apresento, os seus interesses – objetivo do homem –, características dos mesmos e, por fim, suas disposições para o empenho de uma vida anseia por *bem*.

A ideia de *bem*, na filosofia aristotélica é apresentada com destaque, sendo um conceito de enorme relevância para compreender toda a Ética do Estagirita. Ele afirma em sua obra: *Ética a Nicômaco*, inclusive, concordando com seu mestre Platão, que o *bem* é o primeiro princípio e ainda que o *bem* não se restringe a uma única e comum roupagem, mas, pode ser encontrado em frentes diversas e múltiplas.

O *bem* está na finalidade de todo agir do homem, a investigação e a ação seja ela qual for, prospecta um fim, e em seus atos particulares, o que o homem terá por resultado obviamente será diferente e plural. Justamente por estar o *bem* como objetivo do agir, e logicamente, a ação humana é diversa, se encontrará o *bem* em muito do que se empenha o homem.

Ademais, observa-se o uso da palavra bom em tantos sentidos quanto a palavra é, pois podemos predicar *bom* na categoria da *substância*, por exemplo com referência a Deus *ou* à *inteligência*; naquela da *qualidade*: as excelências (virtudes); naquela da *quantidade*: o moderado; naquela da *relação*: o útil; naquela do *tempo*: uma oportunidade favorável; naquela do *lugar*: uma adequada habitação, e assim por diante. Está claro que não é possível que o *bem* seja algo comum, uno e que sua predicação seja universal, pois nesse caso não seria predicável em todas as categorias, restringindo a uma apenas¹⁴.

A palavra *bem*, dentre os vários significados, destaca-se um específico, apresentado em um dicionário de filosofia. É sabido, inclusive, que o *bem* é atingido pelo agir, é alcançado por uma conduta ou comportamento, isto reservado àqueles que vivem moralmente, por isso afirma Abbagnano:

A palavra [bem] se refere particularmente ao domínio da moralidade, isto é, dos *mores*, da conduta, dos comportamentos humanos intersubjetivos, e designa por isso o valor específico de tais comportamentos¹⁵.

O *bem* refletido na Ética é o caminho seguro, o qual todos percorrem, buscando

¹⁴ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, 2014, p. 53.

¹⁵ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012, p. 121.

pelo ordenar de sua vida moral, àquilo que é finalidade de todos os homens: o *bem superior*.

Faz-se bom, compreender a diversidade das finalidades, pois segundo o filósofo, elas são plurais, e claro que algumas são mais elevadas. É afirmação do Estagirita, que quando a finalidade difere da ação, isto é, quando o agir do qual se espera um resultado é diferente do produto obtido, neste primeiro caso, se terá um fim mais elevado, o segundo caso, é quando a ação e sua finalidade são os mesmos.

A finalidade, o *bem* é a prenda do empenho, é o resultado obtido na busca por aquilo que é natural em toda atividade humana, todo agir espera e objetiva um *bem*, e claramente isto se dá pelo fato de o homem não ser passivo às ocasiões, é o ser humano, ativo em suas capacidades que toma partido. Aristóteles apresenta da seguinte maneira:

Toda arte, toda investigação e igualmente toda ação e projeto previamente deliberado parecem objetivar algum bem. Por isso se tem dito, com razão, ser o bem a finalidade de todas as coisas. (É de se observar, porém, uma certa diversidade entre as finalidades; em alguns casos, a atividade é ela mesma a finalidade, enquanto que em outros casos a finalidade é algum produto distinto da ação, sendo que, nas finalidades distintas das ações, tais produtos são naturalmente superiores às ações ou atividades das quais resultam.) Porém, visto que há múltiplas ações, artes e *ciências*, resulta que suas finalidades são, igualmente, múltiplas. Se a finalidade da medicina é a saúde, a da construção de navios é o navio, a da estratégia é a vitória, a da economia doméstica é a riqueza¹⁶.

Justamente por ter posto este cenário, que é o tom de toda Ética de Aristóteles, uma Ética *teleológica*, vemos que o *bem* não pode ser unívoco, já que o *bem* é a finalidade. Ética *teleológica*, evidentemente, porque visa a finalidade, investiga pela preocupação do desejo final. Todo o processo é um descamar, até o fim último da ação, desdobrando-se para compreender o fim das coisas, e onde está o *bem*. Aristóteles em suas obras exprimiu em diversos momentos que tudo o que existe, o é para um fim, destaque quando o Estagirita está explicando sobre a verdade da faculdade nutritiva dos animais e apresentando sobre a natureza sintetiza:

Os animais, contudo, são necessariamente dotados da sensação, uma vez que a natureza nada faz em vão. De fato, todas as coisas existem na natureza em vista de um fim, ou são concomitantes de meios que visam a um fim¹⁷.

¹⁶ ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco, 2014, p. 45.

¹⁷ ARISTÓTELES. Da Alma. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011, p. 139.

Diante da ideia supramencionada, Aristóteles em seu livro *Metafísica* trabalhará a equiparação dos termos *bem* e *ser*. O conceito de *ser* mostra estar na totalidade das categorias. Para uma compreensão mínima do *ser*, deve o considerar como um *inteiro* e mesmo com variadas definições para o termo *ser*¹⁸, um crivo é sempre a “comum referência a uma unidade”¹⁹, como bem define o comentarista Giovanni Reale:

A metafísica, portanto, considera o *ser* como “inteiro”, ao passo que as ciências particulares consideram somente parte dele. A metafísica quer chegar às causas primeiras do *ser* como *ser*, ou seja, ao porquê que dá razão da realidade na sua totalidade, ao passo que as ciências particulares se detêm nas causas particulares, nas simples secções da realidade²⁰.

Aristóteles dará uma definição, responderá à indagação de o que é o *ser*, considerando-o não somente como um mero termo que tem muitos significados, mas, termo que está presente na realidade por múltiplas frentes.

Tudo aquilo que não comportam uma pura “homonímia”, pois cada um e todos os significados do *ser* implicam “comum referência a uma unidade”, ou seja, uma estrutural “referência à substância”. Portanto, o *ser* ou é substância ou é afecção da substância ou atividade da substância – em todos os casos, algo-que-se-refere-à-substância²¹.

Pelo fato de o *ser* estar na totalidade, pode-se assim afirmar que o *bem* também se encontra em ambas as categorias. Mais profundamente, Aristóteles, na mesma obra *Metafísica*, afirmará que o *bem* é categoria da *substância*, isto é, presente no agir do homem. O grande resultado, o fim da ação humana é o *bem* certamente, e sabe-se obviamente ser o *bem*, o próprio substancial resultado da ação. Importante compreender, portanto, o que o Estagirita define pelo termo *substância*:

Substância significa os corpos simples, do que são exemplo a terra, o fogo, a água, e similares” as coisas elementares mesmas, bem como segue o autor “*substância* apresenta [fundamentalmente] dois sentidos: (1) o substrato (sujeito) final, que não é predicado de nenhuma outra coisa mais, e (2) tudo o que possua uma existência individual e independente²².

Quanto ao *bem* na esfera política, Aristóteles tem que o homem é um *ser político*, e na singularidade de cada um, brotará o *bem* praticado em si mesmo, no

¹⁸ O *ser* irá se dividir em grupos, surgindo então as categorias Aristotélicas (principal grupo de significado do *ser*), as divisões do *ser*, categorias estas que têm por primeira a ‘substância ou essência’ e é dela que provem todas as demais, não necessitando de forma alguma do auxílio das outras, ela é subsistente e sim, sustentando as categorias todas.

¹⁹ REALE. Filosofia: Antiguidade e Idade Média, 2017, p. 198.

²⁰ REALE. Filosofia: Antiguidade e Idade Média, 2017, p. 198.

²¹ Ibid., p. 198.

²² ARISTÓTELES. Metafísica. Tradução de Edson Bini. 2 ed. São Paulo: Edipro, 2012, p. 144.

indivíduo, como também, o *bem* praticado na cidade. Este segundo modo, com o homem na prática política, é considerado digno de maior nobreza pelo filósofo, tal motivo está no fato de, na cidade, não ser algo pensado na individualidade e sim na coletividade, já que sustentar o *bem* para uma nação é algo mais valoroso, mesmo se tratando do mesmo *bem*. Esta é uma possível defesa da tese, de o bem no meio político ser exaltado.

É necessário compreender, que a Ética serve a ciência prática mestre, que é a *Política*, que junta os interesses e faz com que a vida sociável aconteça. É o que Aristóteles explica em sua obra:

E revela-se como sendo esta a *política*; é ela, de fato, que determina quais ciências devem existir nos Estados, qual dever ser aprendida por cada classe de cidadãos e até que ponto; e constatamos que mesmo as que recebem maior destaque, as *faculdades*, tais como a estratégia, a economia doméstica, a oratória, acham-se subordinadas a ela. Diante do fato de que as ciências restantes se prestam ao uso desta e, visto que ela, ademais, estabelece leis quanto à conduta (o que as pessoas devem e não devem fazer), sua finalidade terá que incluir as finalidades de todas as demais. Determina-se, com isso, ser o *bem humano* a sua finalidade [...]²³.

Quanto as características elementares do conceito de *bem*, Aristóteles apresenta o *bem* realizável pelo homem. Não o *bem* transcendente e acabado, tal como a teoria platônica, com seu ideal de perfeição, e sim de acordo com o galgar da pessoa humana, onde se tem o desenvolver da ação.

O fator é a realidade imanente, da qual se deseja um fim, que é *bem*. Sendo o *bem*, o resultado excelente da ação do homem, é também “a criação de tudo o mais?”²⁴, questiona Aristóteles em determinado momento, ao que ele respondendo ser o *bem*, como a seguir:

A saúde no caso da medicina, a vitória naquele [no caso] do comando militar, a casa na arte da construção e algo mais em cada uma das outras [...] Consequentemente, se houver uma finalidade para todas nossas ações, esta será o bem praticável -, ou se mais de uma, estas serão o bem²⁵.

O homem diferencia-se dos animais e demais seres vivos pela sua faculdade²⁶

²³ ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco, 2014, p. 46-47.

²⁴ Ibid., p. 56.

²⁵ Ibid., p. 56.

²⁶ A definição de Aristóteles para o termo *faculdade* (função, aptidão natural) e a descrição, se dá em sua obra *Da Alma (De Anima)*. Cf.: ARISTÓTELES. *Da Alma*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011, p. 77-79.

própria, a faculdade racional da *alma*. Santo Tomás de Aquino, em seu *Comentário à Ética e à Política de Aristóteles*, apresenta como conceito e afirmação de seu mestre, o *bem* como atividade da *alma*, atividade da faculdade racional. Outra afirmação ainda, é que os bens da *alma* são por unanimidade defendidos pelos filósofos, como principalíssimos. Isso se justifica, porque bens exteriores se restringem ao vazio deles mesmos, e se subordinam ao corpo, enquanto este corpo, fica em função da *alma*. Diferente dos bens interiores, os da *alma*, que são maiores, claro que por não se subordinarem a nenhum outro motivo, por isso, são bens da *alma*, entenderemos que bens da vida.

Santo Tomás define onde Aristóteles entende ser o local da felicidade, onde se desenvolve e acontece a atividade capaz de *bem* – a operação da alma, a atividade da alma racional:

[Os filósofos afirmaram, de modo comum] que os bens humanos se dividem em exteriores e interiores. Os bens exteriores são as riquezas, as honras, os amigos e outros tais. Os bens interiores se dividem em dois gêneros. Alguns pertencem ao corpo, como a força corporal, a beleza e a saúde. Já outros pertencem à alma, como a ciência, a virtude, e outros tais. Entre estes [três gêneros de bens] aqueles que pertencem à alma são principalíssimos. Isto porque as coisas exteriores são por causa do corpo, e o corpo é por causa da alma, assim como a matéria é por causa da forma, e o instrumento por causa agente. Esta sentença foi comum a todos os filósofos, isto é, que os bens da alma são principalíssimos.²⁷

[Comentando esta afirmação, diz Aristóteles que] a opinião geral dos filósofos, segundo a qual os bens principalíssimos são os da alma, torna manifesta que é conveniente colocar a felicidade na operação da alma racional, como acima fizemos.²⁸

Vimos então, ser este *bem*, segundo a visão Tomista, uma atividade própria da alma, uma operação racional. Mais à frente veremos, com maior clareza, conceitos que estão no entorno do *bem*, o que envolve esta atividade elevada que tem um resultado igualmente elevado.

O *bem*, sabemos sempre estar objetivado ao *bem supremo* e elevado, que é a finalidade humana, e que também à diante exploraremos mais.

²⁷ AQUINO, São Tomás de. *Comentário à Ética e à Política de Aristóteles*. Foz do Iguaçu: Associação Centro Cultural Hugo de São Vitor, 2020, v. 1, p. 36.

²⁸ *Ibid.*, p. 36.

3. O Bem supremo – *Eudaimonia*²⁹

Avançando no conhecimento da Ética aristotélica, temos já “Posto que todo conhecimento e prévia escolha objetivam algum bem”³⁰, como nos diz o Estagirita. É evidente e claro, que o homem busca, por sua natureza, o *bem* em seus atos; o agir do homem objetiva o *bem*. Posto também, que existindo a variedade de ações com suas diferenças, logo, existe uma variedade de bens, e reforçando que o *bem*, segundo Aristóteles, não é unívoco, se faz necessário dizer, que existe dentre a pluralidade dos atos do homem, o *bem* que se sobressai, qual seja, o *bem supremo*, que tem sua independência.

Enquanto o *bem*, está para um *bem* maior, este não é completo em si mesmo. Ao contrário, é exigido o complemento, porque está em função de outro, que evidentemente é maior, isto deve-se ao fato, de que “nossas ações visam mais de uma finalidade”³¹, essas finalidades, se fazem somente meios, vias pelas quais, chegam a maiores resultados. Sabendo então, que existe o *bem* que se basta, conclui-se, que o *bem* é mais primoroso quando tem finalidade completa, quando o procuram por si mesmo e não em vista de coisas segundas.

Ora, é evidente que o bem mais excelente (o bem supremo) é completo. Se houver, assim, alguma coisa que, por si só, seja a finalidade completa, será o que buscamos; se houver mais de uma finalidade completa, o que buscamos será, entre elas, a mais completa³².

Para Aristóteles, existe o *bem* e o *sumo bem*, que é a finalidade mesma do homem, que é a *Eudaimonia*. O homem não se desdobra no agir, por outra coisa, que não seja em vista da vida *Eudaimônica*, em vista da vida feliz. A felicidade é o que constantemente se tem no horizonte da pessoa humana, vejamos a colocação de Aristóteles em relação ao termo *Eudaimonia*, do qual o autor se vale para mostrar o que de fato é o fim último do homem. Entende-se em linhas gerais, que *Eudaimonia* é

²⁹ A *Eudaimonia* é um termo grego que pode ser descrito como um bem final, pois toda ação humana visa à realização desse bem que é tido como autossuficiente e perfeito. Duas afirmações de Aristóteles ajudam a compreender o termo *Eudaimonia*: de que a Ética se ocupa e tem por objetivo observar e investigar a ação humana; e ainda, que existe a subordinação dos diferentes fins, isto é, a ação que prospecta um fim completo e perfeito, têm obviamente, outros fins que se fazem somente meios para aquele que é mais elevado, têm fins subordinados a si. No grego o termo é mais abrangente, pois abraça mais conceitos, como as ideias de prosperidade e bem-estar.

³⁰ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, 2014, p. 49.

³¹ *Ibid.*, p. 57.

³² *Ibid.*, p. 57.

a felicidade:

No tocante à palavra, é de se afirmar que a maioria esmagadora está de acorno no que tange a isso, pois tanto a multidão quanto as pessoas refinadas a ela se referem como a *felicidade*, *identificando o viver bem ou o dar-se bem com o ser feliz*³³.

Faz-se mister questionar: onde se encontra o *sumo bem*? Os sábios certamente terão por *bem*: a *virtude*, aquilo que é belo e justo. Em contrapartida, o vulgo, dificilmente enxergará o *bem* nas coisas elevadas, se perderá em circunstâncias, que são na verdade meramente meios ou ainda futilidades irrelevantes. Aristóteles considera matéria polêmica o assunto de, o que é, de fato, a felicidade, e logo onde está o *bem*. Fica evidente no comportamento das pessoas, a característica passageira, e demasiadamente, ocasional e superficial do que tratam por felicidade do *ser*. Vemos segundo a visão aristotélica de felicidade, que não será nas futilidades, nem naquilo que simplesmente passa, onde se porá raízes de uma vida feliz, mas, o *bem* que busca o homem, está em algo elevado, bom:

As pessoas ordinárias a identificam com algum bem claro e visível, como o prazer, ou a riqueza ou a honra, fazendo diferentes comentários entre si; com muita frequência, o mesmo indivíduo refere-se a itens distintos quanto a ela: quando fica doente, pensa ser a saúde a felicidade; quando é pobre, julga ser a riqueza. Quando conscientes de sua própria ignorância, os [indivíduos comuns] admiram aqueles que propõem algo grandioso que ultrapassa a compreensão deles³⁴.

O prazer é sensorial e volátil, oscila; a honra é superficial pois não revela o que de fato são as pessoas, vela o homem; e a riqueza se faz útil, mas rapidamente pode se esvaír.

Momentaneamente os indivíduos usam diferentes significações para a felicidade, depositam em inúmeras ocasiões o passo para a felicidade. Enquanto que, aquele dado é somente mais um *bem*, que aspira em função de algo ainda maior. Existe aquele *bem* pelo qual, sim, o homem emprega todas as suas forças, e este é o *bem* que justifica e faz todos os demais serem considerados bons, pois conduzem o homem à finalidade humana, à felicidade. O *bem supremo* é perene, à frente veremos ser logicamente completo e subsistente, esta é a felicidade, sempre segura em si.

Aristóteles em seu livro *Metafísica*, explanando sobre os conceitos relacionados ao que vai além da física, e que sim, nos auxiliam na compreensão das implicações

³³ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, 2014, p. 49.

³⁴ *Ibid.*, p. 49.

Éticas do homem, mostrará duas vias. A de quando, o resultado do exercício das *faculdades* humanas for diferente, quando o resultado for outro e não o exercício mesmo, neste caso o Estagirita afirma, que o ato está na coisa produzida, no resultado. Escreve o autor: “O ato de construir na coisa construída, o ato de tecer na coisa tecida, e assim por diante. E em geral o movimento reside na coisa movida”³⁵.

A outra via, é a que considera não existir resultado além do ato, o ato está então no sujeito. Entende-se com os exemplos do autor:

Mas onde inexistente qualquer outro resultado além do ato este reside no sujeito, por exemplo o ver no vidente, a especulação no especulador e a vida na alma; e conseqüentemente, também a felicidade, uma vez que esta é um tipo particular de vida.³⁶

A felicidade é forma de vida, a vida é ato da *alma*, o viver *bem* do qual Aristóteles se refere, é ter compreensão básica de como se dá a vida do homem: uma seqüência de atos ordenados com seus respectivos resultados, em busca do ato que se dá no sujeito. O *ser*, insistindo no *bem*, chegará ao *bem supremo*, certamente, este que está no sujeito.

Característica importante quanto ao *bem supremo*, *bem* que é eterno: sendo fruto do hábito humano, vemos que o *bem* é ato, mas ato completo, ato anterior a potência. Sendo assim, o *bem*, o é sem perecimento, e nem potencialmente nada para outro resultado, qual seja, é eterno e não se deteriora, é fim perfeito:

Mas o ato é anterior também em um sentido mais profundo, a saber, porque aquilo que é eterno é anterior do ponto de vista da substância àquilo que é perecível, e nenhuma coisa eterna existe em potência. [...] Toda potência é, ao mesmo tempo, uma potência para o oposto; com efeito, enquanto aquilo que não é capaz de estar presente num sujeito não pode estar presente, é possível que tudo que é capaz de ser deixe de converter-se em ato. [...] aquilo que é capaz de ser possivelmente não seja, e aquilo que possivelmente não seja é perecível [...] a conclusão é que todas as coisas imperecíveis existem em ato. Nem pode qualquer coisa que é, necessariamente, ser potencial³⁷.

Dando o significado de *completo*³⁸, o Estagirita explica ser, no campo da *virtude* e do *bem*, e tudo quanto se refere à excelência, o *bem* é completo por ser insuperável

³⁵ ARISTÓTELES. *Metafísica*, 2012, p. 241.

³⁶ *Ibid.*, p. 241.

³⁷ *Ibid.*, p. 242.

³⁸ Completo é o termo que significa aquilo do que não se falta nada, nenhuma parte ou elemento do que é seu todo e do que se deve ser, não tem nada faltante. As coisas que por natureza são completas em si mesmas, que são perfeitas, as são em diversos sentidos, não apresentam deficiência ou falta alguma que se encontre no externo dela e não se ultrapassa, não se supera, em seu gênero é suficiente e basta-se (Cf. *Metafísica*, 2012, p. 156).

e inalcançável, por qualquer outro em sua área, veja:

No que tange à virtude (excelência) e ao bem, não pode ser superado em seu gênero – por exemplo, um médico e um flautista são completos (perfeitos) quando não apresentam deficiência ou lacuna alguma no que respeita ao seu gênero característico de excelência [...] e a excelência é um tipo de perfeição, pois cada coisa e toda substância são completas (perfeitas) quando – e exclusivamente quando –, com respeito ao seu gênero peculiar, a excelência não carece de partícula alguma de sua magnitude particular; coisas que atingiram seu fim – sendo este bom – são chamadas de *completas* (perfeitas), por terem alcançado seu fim³⁹.

Portanto, o *bem superior* é como o homem que em sua arte particular é exímio, longe de erros por ser completo. Assim o é com o *bem supremo*, não depende de nada mais do que de si mesmo, é o *bem* que perdura – a felicidade é assim, se basta. Destaca-se a seguinte máxima de Aristóteles quanto a felicidade: “A felicidade, portanto, mostra-se como alguma coisa completa e autossuficiente, a finalidade de todas as ações”⁴⁰.

A felicidade do homem, segundo Aristóteles, seguramente é o uso da razão, já que é a capacidade humana que lhe é própria, em relação aos demais seres, é a capacidade, inclusive, que lhe difere dos outros. As faculdades sensitiva, vegetativa e nutritiva, são comuns a todos. A atividade reservada ao homem, é intelectual, é do pensamento, do juízo racional, e é onde habita a felicidade humana, considerando ser a felicidade o aperfeiçoamento desta capacidade de vivência racional.

As demais potencialidades humanas, todas se subordinam à racional, do seguinte modo: agindo pela inteligência e tendo como crivo a razão para aplicação das capacidades e atividades sensíveis. Aristóteles conclui, pelo argumento de que os homens em seus diferentes ofícios, desempenham alguma função, e por uma analogia com o corpo humano, com seus membros e respectivas funções, ele responde a duas indagações próprias: a pessoa humana tem “uma função que supera todas as funções de seus membros?”⁴¹ e ainda, “qual seria precisamente essa função?”⁴². Pode-se afirmar com o Estagirita, que o homem tem por superior função o uso da razão:

Diante disso, devemos pôr de lado a vida do prisma da nutrição e do crescimento. A seguir temos a vida sensitiva, porém esta, igualmente, parece ser compartilhada por cavalos, bois e todos os animais. Resta, assim, a vida

³⁹ ARISTÓTELES. *Metafísica*, 2012, p. 156.

⁴⁰ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, 2014, p. 58.

⁴¹ *Ibid.*, p. 59.

⁴² *Ibid.*, p. 59.

ativa da razão (esta apresenta duas partes: uma submetida à razão, outra detentora desse princípio racional e que exerce a inteligência); ademais, isso pode ser encarado duplamente. Admitamos estar interessados [no exercício ativo] dessa faculdade, porquanto parece ser este o sentido mais próprio do termo. Se, então, a função do ser humano é o exercício das faculdades da alma em conformidade com a razão ou não dissociativamente da razão, e se reconhecemos a função de um indivíduo e de um bom indivíduo da mesma classe (por exemplo, um harpista e um bom harpista e assim, simplesmente para todas as classes) como genericamente a mesma, a qualificação da superioridade do último em excelência sendo acrescida à função (a função do harpista é tocar harpa, ao passo que a do bom harpista é tocá-la bem), se assim for {e se afirmamos que a função do ser humano é uma certa forma de viver constituída como exercício das faculdades e atividades da alma em consonância com a razão e a função de um homem bom é executá-las bem e corretamente, e se uma função é bem executado quando o é de acordo com sua própria excelência – nesse caso} se conclui que o bem humano é a atividade das faculdades da alma em conformidade com a virtude, ou se houver mais de uma, em conformidade com a melhor e mais completa delas.⁴³

A felicidade é a vida humana segundo a razão, a vida racional, o homem feliz é o que recheia sua vida da atividade segundo a *virtude*. É o que vive condicionado ao que é próprio do homem, o que não possibilita fazer da vida algo de qualquer maneira, mas deve acompanhar sua atividade própria da melhor maneira, segundo a *virtude*, porque é exigido excelência. Portanto, a felicidade está ligada diretamente a atividade racional, e o caminho é a atividade excelente. O contrário do homem feliz é o que vive fora do uso de suas capacidades, até mesmo, que não faz uso da razão.

Santo Tomás ao comentar a teoria Aristotélica exprime quanto a definição de felicidade, fica como praticamente uma máxima a ser sempre recordada neste trajeto: “Reunindo o que foi precedentemente dito, podemos colocar então que: *A felicidade é a operação própria do homem segundo a virtude numa vida perfeita*”⁴⁴.

⁴³ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, 2014, p. 59-60.

⁴⁴ AQUINO. *Comentário à Ética e à Política de Aristóteles*, 2020, v. 1, p. 34.

CAPÍTULO II

CAMINHO PARA O BEM: OPERAÇÃO DA VIRTUDE NA ALMA

Dando continuidade ao nosso trabalho, que visa com muita singeleza, apresentar e comentar os conceitos que abarcam a busca da felicidade do homem, pretendemos explorar no conceito de *alma* a ação da *virtude*. Com o intuito de colaborar com a busca natural do homem, ajudar com um simples percurso ou caminho, que pela *virtude*, meio eficaz para a busca do *bem*, possa o indivíduo manter-se na constante luta pela vida feliz.

A finalidade do homem é o tema a ser refletido neste trabalho, especificando qual é este fim, que já nos convencemos ser o *bem maior*. Neste capítulo damos um passo à frente, no sentido de investigar o papel da *virtude* na pessoa humana, isto por um estudo muito simples da *alma*, que é a vida do homem: busca fundamental da sua *felicidade*.

1. As três partes da alma

Na filosofia de Aristóteles, o conceito de *Alma* é muito bem explanado, tendo em vista, que leva o homem a um melhor e mais profundo conhecimento das coisas. O conhecimento das coisas, é próprio do ser vivo superior, dotado da plenitude das faculdades da *alma*, possuidor da capacidade de pensar e inteligir, detentor da capacidade de conhecer, este é o homem.

Henri Dominique Gardeil, expõem em sua obra, características do conhecimento, apresenta a insondável capacidade que detém o homem, de conceber e inteligir, conhecer as coisas e todos seus desdobramentos. Os sentidos exteriores, são como que janelas da *alma* frente ao conhecimento do mundo real e animado. Segue o que diz o comentador das teorias aristotélica e tomista:

A primeira ideia que se pode fazer do conhecimento é a da abertura de um ser com relação aos outros. Eu abro os olhos: todo um conjunto de objetos exteriores aparece para mim. Eu penso: todo um mundo de realidades diversas e variadas se apodera do campo da minha consciência. E essa extensão de meu ser, frente ao que não é ele, me parece ter algo de indefinidamente renovável e ilimitado. Posso enxergar vinte vezes a mesma tela e posso enxergar outras telas ao infinito. Se se trata do conhecimento intelectual, nada daquilo que existe parece poder escapar das garras de minha percepção: todo ser é “pensável”, isto é, inteligível⁴⁵.

Henri Dominique Gardeil, citará o próprio Aristóteles com sua obra *De anima*:

É com vistas a semelhantes constatações que é preciso situar e compreender a fórmula, de que a alma, pelo conhecimento, é de certa maneira todas as coisas, tanto as sensíveis como as inteligíveis (*De anima*, III, 1. 13)⁴⁶.

É digna de nobreza a atividade de buscar conhecimento, largamente mais nobre o conhecimento da *alma*, o objeto desta atividade é a vida, é um estudo da natureza da vida. Segue a fala de Aristóteles quanto a significância da investigação da *alma*:

Sustentamos ser todo conhecimento algo nobre e valioso, porém um de seus tipos – seja por seu rigor, seja por sua maior dignidade e caráter mais admirável de seu objeto – pode superar um outro. Assim, em função de ambos esses motivos, somos levados a colocar a investigação da alma em primeiro lugar⁴⁷.

Está diretamente ligado ao conceito de *alma*, a realidade do princípio das coisas, o princípio da vida. Tem-se por princípio da vida, a *Alma*, e os animais tem por alimento, aquilo que surge de suas *almas*, bem como, é para todos, o princípio que movimenta e gera vida, mesmo que haja uma diferenciação entre os seres vivos e suas *almas*.

É característico também, que a *alma* seja um princípio universal, já que os seres vivos todos, precisam nutrir-se, reproduzir-se e mover-se para serem tidos verdadeiramente como viventes, aliás, o que os diferencia é exatamente as variadas potências da *alma* e suas implicações. Como vemos segundo Aristóteles:

⁴⁵ GARDEIL, Henri-Dominique. Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino: psicologia, metafísica. São Paulo: Paulus, 2013, p. 88.

⁴⁶ Ibid., p. 88.

⁴⁷ ARISTÓTELES. Da Alma. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011, p. 41.

Seu conhecimento parece muito contribuir para aquele da verdade em geral e, sobretudo, para nosso entendimento da natureza, na medida em que a alma é, em certo sentido, o princípio da vida [...] De qualquer modo e em todo caso, a aquisição de qualquer certeza no que se refere a ela é muito difícil. De fato, esta investigação é comum a muitos outros campos, ou seja, refiro-me à investigação da substância e da essência⁴⁸.

A *alma* enquanto princípio vital dos seres vivos, vem a ser campo muito importante de estudo, para então compreendermos como se dá o emprego da vida Ética do homem. Pois é investigação da natureza do ser humano, o ato de conhecer a *alma*. Sendo primeiro princípio, pontua Gardeil:

Precisemos, porém, desde já, que comumente entendemos por alma o princípio primeiro e mais profundo da vida. Com efeito, na pesquisa dos princípios dessa ordem poderemos ser levados a parar em termos mais imediatos, como órgãos ou em faculdades particulares, por exemplo, o coração ou a inteligência. Com a alma, alcançamos o termo para além do qual não há como retroceder na explicação do dinamismo dos seres vivos [Gardeil cita Santo Tomás]: *na pesquisa da natureza da alma, convém pressupor que a alma é dita ser o primeiro princípio da vida entre as coisas que são em nós* (ST I^a P^a, q. 75, a. 1)⁴⁹.

Devemos pontuar que Aristóteles apresenta o conceito de *alma*, a partir da definição de *substância* que é categoria primeira. Investigando dentre as substâncias, aquelas que têm vida. Gardeil comenta a passagem aristotélica do *De Anima*:

Tendo-se reconhecido que em toda substância corporal há três coisas – a matéria, a forma e o composto –, será preciso dizer que: a alma não pode ser a matéria ou o sujeito, se a vida aparece como uma diferença que especifica o sujeito; ela tampouco pode ser o composto que é o corpo vivente em sua totalidade; resta, então, que ela seja a forma que especifica e determina.⁵⁰

⁴⁸ ARISTÓTELES. Da Alma. 2011, p. 41-42.

⁴⁹ GARDEIL. Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino: psicologia, metafísica, p. 30.

⁵⁰ Ibid., p. 30.

Cito, portanto, as palavras do próprio Aristóteles, evidenciando a característica de que a *alma* é matéria e forma, pela teoria do *hilemorfismo*⁵¹:

Entre as substâncias estão reconhecidamente e de modo destacado os corpos e, particularmente, os corpos naturais, os quais são, de fato, os princípios dos demais. Entre os corpos naturais, alguns têm vida, outros não. Por vida entendo [os processos de] nutrição, crescimento e decadência. Infere-se que todo corpo natural dotado de vida é uma substância no sentido de um composto⁵².

Entendido não ser a *alma* um corpo e sim a forma, que inclusive, define e determina o que o corpo, ao que ela se associa, o é de fato – me refiro a diferenciação dos vários seres –, vemos como discutido anteriormente, que a *alma* é ato, não em um sentido vazio, meramente um ativismo, mas o ato primeiro, pois se trata de movimento, assim também entendemos a *alma*.

Resumidamente, é necessário que se faça um comentário quanto a *alma* e suas variações, ela que têm uma tríplice divisão – ou presença, melhor dizendo – nos seres vivos, a saber: seres vegetativos, seres animados e ainda o homem como animal que têm a capacidade de conhecer, entender.

Aristóteles define que a *alma*, é composta por três faculdades, tal como segue: alma nutritiva, que pertence a todos os seres vivos; alma sensitiva, própria dos animais; e alma intelectiva, pertencente única e exclusivamente ao ser humano. A definição de Aristóteles para o termo *faculdade* – função, aptidão natural –, julgamos importante considerar dentro da consideração das potências da alma:

Com referência às faculdades da alma indicadas, certos seres vivos, como dissemos, estão dotados de todas elas, outros possuem apenas algumas delas, e outros, enfim, somente uma. Essas faculdades, como dizíamos, são a nutritiva, a apetitiva, a sensorial, a motriz no espaço e a pensante. Os vegetais só possuem a primeira, a nutritiva, enquanto seres vivos pertencentes a uma outra ordem possuem, além dessa, a faculdade sensorial, o que implica que possuem também a faculdade apetitiva. [...] Além dessas faculdades, há certos tipos de animais que têm a capacidade de se locomover, e, enfim, outros detentores da faculdade pensante e intelecto, que é o caso do ser humano e de qualquer outro ser, possivelmente existente, de condição análoga ou superior à humana⁵³.

Retomando cada uma das partes da *alma*, que são três, sublinhamos suas destacáveis características: a primeira parte da *alma* é tida por vegetativa – nascer,

⁵¹ “Hilemorfismo é uma teoria segundo a qual todos os corpos do universo são compostos por dois princípios distintos, porém complementares: a matéria e a forma”. (Cf. Roberto G. J. Eureka, 2007, p. 61).

⁵² ARISTÓTELES. Da Alma, 2011, p. 71-72.

⁵³ Ibid., p. 77-79.

nutrir-se, crescer, gerar ou reproduzir, e por fim, padecer à corrupção. O sustento da vida, a conservação e manutenção do *ser*, se dão por esta importante e fundamental parte, sem a qual nenhum ser vivente desempenha suas funções. Sabe-se, que as demais partes interagem fortemente com esta que é basilar, que pelas potências a ela ligadas, gradativamente cresce enquanto corpo do ente, do *ser*.

Dando continuidade, a segunda parte da *alma*, é conhecida por sensitiva, são acrescidas a esta parte, as potências sensíveis do *ser*, também o apetite sensível e ainda a potência motriz. Os seres vivos, pelo menos alguns, tem estas duas primeiras partes da *alma*, sendo capazes de certa movimentação, já que se dispõem de funções sensíveis, se desenvolvem de acordo com suas colocações na natureza. Estes seres são animais, superiores já, em certa medida, em relação aos que são vegetais, como as plantas. São capazes, estes desta parte, a pelos sentidos todos, de apreender certa parte dos objetos que os abordam, mas, acontece que não é possível ainda, adentrar na investigação e chegar ao conhecimento do *ser* das coisas.

Por fim, falta considerar quanto a terceira parte da *alma*, que é chamada de intelectiva, que não é mista com irracionalidade como anteriormente, mas é totalmente racional. A *alma* intelectiva é sem forma alguma de medida, é então, infinitamente superior às demais partes, vegetativa e sensível. Pois, a *alma* intelectiva não lida com a materialidade das coisas, mais elevado do que isso, o intelecto lida com causas e efeitos perfeitos, imateriais portanto. A faculdade da inteligência é demasiadamente avançada quanto ao dado sensível, pois, no ato de entender, chega à essência das coisas, conhece o *ser*.

Como supracitado, Aristóteles tem por sinônimo de vida, a *alma*, isto não com uma roupagem simples como tem os vegetais, eles que somente têm condições de crescer e se reproduzir pela nutrição. De outra maneira, ainda que não na sublimidade que possui os homens, os animais diferentemente dos vegetais, já têm acrescida, a capacidade de sensação e movimento, (foi assinalado por Aristóteles dentre as faculdades a característica da *alma* de mover-se e sentir: a apetitiva, a sensorial e a motriz).

Reconhecendo a digna reverência que se dão na história da humanidade ao ato criacionista do homem, assinalamos, agora com veemência: o homem que detém a totalidade destas capacidades, também faculdades e potências: é o ser capaz de

inteligir, é pensante, em tudo é capaz de conhecer. Por isso a tal importância de se abrir à discussão das implicações Éticas da vida do homem.

Sem que se rompa a unicidade da *alma*, mas considerando que ela tem em seu interior as suas faculdades e potências, necessárias partes, pois a sua essência não pode ser, ela mesma, também as suas potências, terminamos vendo rapidamente algumas características do conhecimento intelectual, a primazia da inteligência.

O homem é um ser que têm em sua natureza a facilidade para a vivência geral com os seres todos, os conjuntos de fenômenos quanto a vida comunitária do homem, a relação dele com os seres inferiores – plantas e animais –, já consideramos há pouco. O homem, portanto, neste ambiente, tem uma atividade própria, sem a qual, até mesmo, ele se desfigura. É o passear pelo conhecimento intelectual, proceder que é do homem e é elevado. Ao compara-lo com o conhecimento sensível, facilmente se percebe a liquidez e clara diferença, o sensível é no final raso demais. Gardeil considera:

Com a vida intelectual, abordamos o plano da vida propriamente humana: “a operação própria do homem, enquanto é homem, é fazer o ato da inteligência” (São Tomás, *Metaf.*I, 1. 1, nº 3). Tentamos tomar consciência desse fato ao comparar, sob seus aspectos mais gerais, o conhecimento intelectual (próprio do homem) e o conhecimento sensível (comum ao animal e ao homem) (cf. *Cont. Gent.* II, c. 66 e 67)⁵⁴.

Uma outra característica da prática intelectual, que faz ela ter altitude, é que o conhecimento intelectual é todo universal. Ao enxergarmos e abstrairmos a beleza de uma obra de arte, logo as nossas potências todas são ativas, somos claramente, tomados por conceitos e alimentados por conhecimentos já detidos, por exemplo. A pintura em sua singeleza nos leva a considerar o universal que a envolve, suas espécies e afins, enquanto que, o dado sensível atinge unicamente o que é singular, particular.

[...] a inteligência tem como objeto o universal, enquanto o sentido não atinge senão o singular [Gardeil cita Santo Tomás]: “o intelecto é dos universais, o sentido é dos particulares” o que vejo com meus olhos é esta planta determinada e particular, mas minha inteligência começa a formar para si a noção geral de planta. Em segundo lugar, a inteligência apreende objetos não sensíveis, como a ideia de verdade, por exemplo, ou a de Deus; visto que os sentidos, por sua vez, não podem se elevar acima da percepção das propriedades corporais. A inteligência, ademais, é uma faculdade que, por reflexão, pode tomar consciência de si mesma e de sua atividade; o que não

⁵⁴ GARDEIL. Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino: psicologia, metafísica, p. 82.

é dado aos sentidos – pelo menos, não no mesmo grau⁵⁵.

A grande diferença e sua maior implicação é a profundidade e capacidade elevada de conhecer as coisas, a prática intelectual possibilita ao homem escolhas, a reflexão diante de tudo é possível. Considerando as diferentes potências, na vida prática da humanidade, existem aquelas dependentes da inteligência, logo, as que permitem ao homem fazer escolhas, no que se tem dependência dos sentidos, é por certo, que é algo determinado.

Essas diferenças têm como fundamento que a inteligência, que é a faculdade do ser, penetra até a própria essência das coisas, enquanto os sentidos se atêm a suas particularidades exteriores. Dá-se, de todo modo, que é formalmente por sua atividade intelectual que o homem é um animal dotado de razão [cita Santo Tomás]: “o homem é um animal racional”⁵⁶.

Vale finalmente alinhar, que o homem usando de toda essa gama, de todas as suas capacidades, e considerando a grandeza do ser, é um animal capaz de viver na Pólis – cidade da qual se refere Aristóteles em suas obras. A vida Ética, e o que se tem por disposições humanas para a organização social, parece-me pouco discutida em todas as esferas hodiernas. Se faz necessária a tomada de consciência por parte da sociedade, naquilo que envolve o ser, o conhecimento integral de suas capacidades.

⁵⁵ GARDEIL. Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino: psicologia, metafísica, p. 84.

⁵⁶ Ibid., p. 84.

2. Virtudes – conceito da mediania

No decorrer do presente trabalho, temos considerado conceitos dignos de serem sublinhados. No interior da Ética aristotélica, a finalidade do homem tem por objeto, afim de ter o alcance da vida feliz: o *bem*, que é operação própria do homem. O percurso dado pelo autor já nos leva a crer, que o fim último do homem é um estado de permanência – diferente de uma estagnação, mas no sentido de uma disposição, melhor dizendo – nas/para as práticas seguras (bens inferiores), que oferecem ao indivíduo e a coletividade, o *bem superior* e *imutável*: a felicidade.

A *virtude*, pode se dizer, ser uma capacidade do sujeito, que não possui relação com a natureza humana, é fruto do hábito humano, que se dá por ações virtuosas. *Virtude* surge do termo grego *aretê*⁵⁷ que, quer dizer excelência, a atividade virtuosa é aquela que surge de bons hábitos, logo, do que é justo e nobre. A *virtude*, então, é o modo perfeito do *ser* segundo sua natureza, é a forma excelente das coisas se comportarem e ser.

Por se tratar de algo que se concentra na prática, é clara e direta, a ligação com a educação do homem desde de sua terna infância, essa ideia já fora defendida por Platão, e também o Estagirita postulou a educação familiar no que se refere a bons costumes, na verdade, no que toca a formação integral do jovem, iniciando desde cedo na instrução. E se faz necessário conhecer o que é este estado do homem, o que é a *virtude*.

Não é fácil alcança-la e ser uma pessoa virtuosa. Mas, seguindo um caminho é possível. Este compreende que, deve-se aprender – passar a ver –, tendo contato com o que é nobre e justo, não somente por experiência no nível da observação, mas, habituando-se na conduta realmente do *ser* nobre e justo. Neste ponto, reconheçamos o papel e a relevância da família, no empenho de mostrar e preparar o jovem, na prática da nobreza e faze-los grandes em justiça. Isto, os levando ao nível de reconhecer a verdade por si mesmos, a descobrir o que é verdadeiro e, logo,

⁵⁷ Termo grego que designa excelência. Melhor continuar com uma definição de dicionário: “Este termo designa uma capacidade qualquer ou excelência, seja qual for a coisa ou o ser a que pertença. [...] Segundo Aristóteles, a Virtude é o hábito que torna o homem bom e lhe permite cumprir bem a sua tarefa, é um hábito racional e, como todos os hábitos, uniforme ou constante.” Cf. ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 5. ed. rev. e aum. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. v. p. 1.

construindo concepções e parâmetros para, por fim, conceber juízos.

Dando passos neste caminho, de investigação e conhecimento do homem enquanto suas capacidades, sempre com relação à sua finalidade, sempre assinalando os meios que levam, e ou, formam o *ser* do homem na busca pelo seu *bem eterno*. Já visto superficialmente, ainda que sendo matéria vasta, as características da *alma* e suas partes, conheçamos a *virtude*, importante e imponente meio para o fim, o qual todos naturalmente tendem.

As *virtudes* são de dois tipos, nomeadas: intelectual e moral. Sendo a primeira, bastante exigente a sua obtenção, um caminho árduo e que conta muito pela experiência, já que compete aos que se subordinam à instrução, ao estudo e mergulho, em suas implicações mais profundas, mas, que não deixa de ser possível e louvável o seu cultivo.

A segunda, por sua vez, é fruto do exercício, da prática dela mesma (das virtudes), da vivência nas proximidades e meios que possibilitam a obtenção de tais hábitos virtuosos. Inicialmente consideremos, as *virtudes* não são inatas, como para Platão, o estagirita demonstra ser fruto do costume do homem, e nem mesmo é produto da natureza. Já dito por Aristóteles:

Sendo a virtude de dois tipos, nomeadamente, intelectual e moral, deve-se a produção e ampliação da primeira sobretudo à instrução, exigindo isso consequentemente experiência e tempo. A virtude moral ou ética é o produto do hábito, sendo o seu nome derivado, com uma ligeira variação, dessa palavra. E, portanto, fica evidente, inclusive, que não é a natureza que produz nenhuma das virtudes morais em nós, uma vez que nada que seja natural é passível de ser alterado pelo hábito.⁵⁸

Vemos, portanto, que não se pode ter na *alma* a *virtude* por desígnio da natureza, Aristóteles diz se dar, a sua obtenção, justamente pela operação da *virtude*, é pelo agir e no acostumar-se com ela. Vejamos ainda, o comentário de Santo Tomás afirmando como que em uma só voz, junto de Aristóteles:

[A virtude moral não pode existir por natureza na alma]. Em todas as coisas que em nós existem pela natureza, a potência existe antes que a operação. Isto é manifesto, por exemplo, no caso dos sentidos. Não é pelo fato de muito termos visto ou ouvido que adquirimos o sentido da vida ou do ouvido. Ao contrário, é pelo fato de termos estes sentidos que começamos a utilizá-los. Ora, [no caso das virtudes morais acontece o oposto]. Nós adquirimos as virtudes [morais] pelo fato de operarmos segundo a virtude, assim como ocorre com as artes operativas. É assim que operamos o que é justo ou moderado os homens se tornam justos ou moderados. Portanto, conclui-se

⁵⁸ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, 2014, p. 81.

que as virtudes morais não podem existir em nós pela natureza.⁵⁹

O termo ética surge realmente dos termos gregos *ethos* e *éthos*⁶⁰, quer dizer, por apenas uma pequena diferença morfológica, se faz com que, ética se apresente como hábito e, secundamente, também como disposição de caráter. Em seus respectivos significados se referem à busca da *virtude*, certamente, que é fruto de ambos termos que traduzimos por *Ética*. A *virtude* é fruto do hábito, da abertura à prática costumeira de atos próximos da *virtude*, criando um conjunto, podemos dizer assim, dos costumes pessoais com aquilo que é bom. Claro que na teoria aristotélica, se têm, intrínseca ligação da *virtude* com as partes da *alma*, das *virtudes* morais com as intelectuais, que talvez não consigamos aprofundar neste breve trabalho. Mas afirmemos com Aristóteles: as *virtudes* são hábitos obtidos na prática humana.

Destaco o que são as *virtudes*, em poucas palavras: capacidade do sujeito, força do homem para, racionalmente, viver como *ser* excelente a vida humana. E conseqüentemente, esta é a vida de um *ser* constante no *bem*, rumo ao *bem grandioso* e *supremo*. Retomamos insistentemente isto, para sempre recordarmos o caminho pretendido com este trabalho: evidenciar, marcar com destaque, que a vida do homem é objetivada, é toda direcionada à um fim perfeito, o *bem perfeito*, que é como que a vocação humana, a qual arduamente devem se dedicar, é busca pela felicidade eterna.

Uma característica das *virtudes* e de suma importância trabalharmos, é que elas são a mediania da ação humana, o ato mediano. Quer dizer, é o ponto que está no meio, entre o excesso e a escassez. Toda *virtude* esta no meio-termo, é equilibrada e não danosa, justamente por dar o sabor excelente para a ação do homem. O *bem* consiste no termo médio, na medida da régua, ou talvez em uma regra, que não permite as extremidades viciosas. É meio-termo, pelo fato de marcar o agir do homem longe dos dois pontos danosos, longe do excesso e da falta.

Destacamos: o contrário do termo equilibrado e dosado perfeitamente, que é a mediania, sempre será o vício, o contra da *virtude*. Em ambos os lados demasiados, será o indivíduo prejudicado, e conseqüentemente, prejudicará a vida social e tudo o mais se penderá à perdição. Aristóteles em sua *Ética a Nicômaco* diz:

⁵⁹ AQUINO. Comentário à *Ética* e à *Política* de Aristóteles. 2020, v. 1, p. 49.

⁶⁰ Cf. contribuição do tradutor Edson Bini da Obra de Aristóteles: *Ética a Nicômaco*, 2014, p. 81.

De tudo que é contínuo e divisível é possível tomar o maior, o menor, ou uma parte igual e essas partes podem ser maiores, menores e iguais seja relativamente à própria coisa ou relativamente a nós. O igual é uma mediania entre o excesso e a deficiência. Por mediania da coisa quero dizer um ponto equidistante de cada um dos extremos, que é um e o mesmo para todos; pela mediania relativa a nós entendo aquilo que não é nem excessivamente grande, nem excessivamente pequeno, o que não é um e o mesmo para todos⁶¹.

Aristóteles coloca um exemplo aritmético, que auxilia na compreensão da mediania relativa às coisas e a nós. Exemplifica com a imagem de um atleta iniciante, e no que tange a mediania relativa ao homem – aquela particularidade de cada um no momento de compreender o que não é excessivo e nem mesmo escasso – para que o indivíduo, faça o discernimento do ponto médio e adequado para um iniciante da prática da corrida. Vejamos:

Por exemplo, suponhamos que 10 (dez) seja muito e 2 (dois) pouco; nesse caso a mediania relativa à coisa será 6 (seis), uma vez que seis menos dois ($6 - 2$) é igual a dez menos seis ($10 - 6$) [isto é o valor igual a quatro (4)], sendo esta a mediania determinada pela proporção aritmética. Mas não cabível chegar, por esse caminho, à mediania relativa a nós. Se dez (10) minas de alimento é muito para uma pessoa em particular e duas (2) minas pouco, disso não se conclui que o treinador prescreverá seis (6) minas porque talvez mesmo isso seja demasiado ou excessivamente pouco para alguém que o irá receber. Será uma porção [excessivamente] pequena para Milo [lutador grego famoso], mas uma porção [excessivamente] grande para alguém que está começando a praticar atletismo [...] Assim um mestre de qualquer arte evita o excesso e a deficiência, procurando e elegendo o ponto mediano, a mediania, quer dizer, não da coisa ou objeto, mas relativamente a nós⁶².

Se no que se refere às coisas a *virtude* tem um efeito de excelência nelas, a coisa é elevada à perfeição, isto se deve ao fato de que: a coisa, ou o objeto, cumpre a sua tarefa por ter sido posto em um parâmetro e encaixado no ponto médio. Assim, o é igualmente em nós, visando a mediania de nossas ações, encontraremos, com toda certeza, o agir bem, faremos o que é tarefa nossa com muito esmero, claro, este é efeito da *virtude*, ser moderado na prática. Não se dissocia um do outro, a *virtude* e o ponto médio, pois, a *virtude* visando o meio-termo tem um efeito excelente. O homem pela mediania em suas ações, cumpre o papel para o qual foi criado. Nosso autor afirma ainda:

Bons artesãos e profissionais norteiam-se pela mediania quando trabalham, e se a virtude, como a natureza, é mais exata e melhor do que qualquer arte, infere-se que a virtude possui a qualidade de visar à mediania⁶³.

⁶¹ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, 2014, p. 91.

⁶² ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, 2014, p. 91-92.

⁶³ *Ibid.*, p. 92.

O homem que busca a natural finalidade humana, que objetiva sua vida ao fim que é próprio dele, este deverá dedicar-se às *virtudes*, já que é o caminho necessário para o cumprimento de sua natureza: buscar o *bem* a felicidade. Este é o trajeto do qual insistentemente falamos, ele é todo permeado pela prática da *virtude*, ela que tem por fim o *bem*. E a *virtude* tem a grande capacidade de fazer ser boa, de fazer ser um bem, o sujeito ou a coisa.

Santo Tomás neste recorte da teoria de nosso clássico autor Aristóteles, comenta sobre uma necessária condição a toda *virtude*, que é o último resultado da potência, ou último dado entregue pela capacidade dela. Por fim, A *virtude* faz de todo sujeito e coisa unida a ela, serem excelentes, serem bons, cumpridores do que é objetivo próprio. Comenta o seguidor de Aristóteles:

Toda virtude faz o sujeito de que ela é bem se haver, e faz a obra [de seu sujeito] bem se haver. Por exemplo, a virtude do olho é aquela pela qual o olho é bom, e pela qual bem enxergamos, que é a obra própria do olho.

A razão para isto é porque a virtude de alguma coisa é tomada segundo o último que é possível [...] Ora, o último a que a potência de alguma coisa se estende é a boa obra. Por isso, pertence à virtude de qualquer coisa, que [conduza] à boa obra [quod reddat *bonum* opus].

E porque a operação perfeita não procede senão de um perfeito agente, consequentemente temos que segundo a virtude própria cada coisa seja boa e bem opere.

Daí se conclui que a virtude do homem será um certo hábito, pelo qual o homem se torna bom, formalmente falando, assim como pela brancura alguém se torna branco, e pela qual alguém opera⁶⁴.

O desejo que se tem com a breve colocação das *virtudes*, e também como anteriormente, a apresentação do conceito de *alma* – ‘local’ onde acontece a operação da *virtude* –, não é de somente ter o conhecimento teórico, tanto que foi posto de forma breve, mas sim, salientar a importância de se devotar em desvendar os mistérios da *alma*, na verdade, empenhar-se em conhecer a natureza humana com suas implicações, bem como operar a *virtude*, vivenciar como *ser* virtuoso. Santo Tomás destaca a verdade aristotélica de que é muito mais valioso e perfeito a operação da *virtude*, do que propriamente a *virtude*. Em suma: a operação somente existe naquele que está operando.

Vale apresentarmos a lista das *virtudes* morais, para nomeadamente, ao menos, ter-se o conhecimento de todas elas. Cada *virtude* tem aos extremos, opostos

⁶⁴ AQUINO. Comentário à Ética e à Política de Aristóteles. 2020, v. 1, p. 62.

vícios (excesso e falta), já a *virtude* ela é o meio-termo. A saber, as treze *virtudes* morais são: Afabilidade; Coragem; Modéstia; Moderação; Justa-indignação; Justiça; Liberdade; Sinceridade; Amabilidade; Dignidade; Magnanimidade; Magnificência; e Prudência⁶⁵.

As *virtudes* intelectuais nomeamos igualmente, sendo elas cinco, a saber: Sabedoria; Ciência; Arte; Prudência; e Intellecto. Devido ao caráter breve do desenvolvimento das *virtudes* neste presente texto, não conseguiremos desenvolver cada uma delas, já que são de grande profundidade e bonita particularidade. Mas, trazemos breve distinção e o que fazem das duas classificações da *virtude*, serem unidas e não ser possível pensa-las separadas, o ser virtuoso e praticante do que é bom, sem as busca-las indistintamente não alcança tal estado.

Na classificação das *virtudes* intelectuais, Aristóteles as nomeiam como *dianoéticas*⁶⁶, e tem este nome justamente por se referirem as *virtudes* mais elevadas, por operarem na mais elevada parte da *alma*, na *alma* racional, são as *virtudes* da razão, portanto. Especialmente e para o fundamento das *virtudes* todas, duas são as *virtudes* dianoéticas: a *sabedoria* e a *sapiência*.

As *virtudes* dianoéticas contribuem essencialmente para que possamos distinguir e deliberar mais corretamente o caminho a ser seguido, auxilia no trajeto seguro para o fim do homem. A sabedoria, é a que deixa claro quais são os objetivos da pessoa humana. Mas existe, sem sombra de dúvidas, uma particular associação das *virtudes* intelectuais com as morais ou éticas, isto, pelo fato de ter as *virtudes* éticas a função de explicitar e mostrar quais são os devidos fins, e qual é propriamente o fim último do homem.

Vejamos resumidamente a fundamentação para a ligação intrínseca das *virtudes* distintas:

Dado que a alma racional tem dois aspectos, conforme se dirija às coisas mutáveis da vida do homem ou às realidades imutáveis e necessárias, ou seja, aos princípios e às verdades supremas, então duas serão, fundamentalmente, as *virtudes* dianoéticas: a sabedoria (*phrónesis*) e a sapiência (*sophía*). A sabedoria consiste em saber corretamente dirigir a vida do homem, isto é, em saber deliberar acerca daquilo que é bem ou mal para o homem. Ela, diz Aristóteles, é “*disposição prática, acompanhada por razão veraz, acerca do que é bem e mal para o homem*”. [...] a *phrónesis* ou

⁶⁵ Ética eudemia. Edición y material didáctico de Rafael Sartorio 1. ed. Madrid: Alhambra, 1985, p.71.

⁶⁶ *Dianoéticas*: do grego *diánoia* que se pode traduzir por “intelecto”.

sabedoria ajuda a deliberar corretamente acerca dos verdadeiros objetivos do homem no sentido que aponta os meios idôneos para alcançar os verdadeiros fins, isto é, nos ajuda a individuar e a obter as coisas que conduzem a esses fins; porém, ela não indica nem determina os próprios fins. Os verdadeiros fins e o verdadeiro objetivo são captados pela virtude ética que encaminha o querer de forma correta. Fica claro, portanto, que as virtudes éticas e a virtude dianoética da sabedoria estão ligadas entre si com duplas travas: com efeito diz Aristóteles: “[1] Não é possível ser virtuosos sem a sabedoria, nem [2] ser sábio sem a virtude da ética”⁶⁷.

Deve ser reconhecido o fato de que tratamos com brevidade os temas a cerca da vida feliz, especificamente foram postas questões ainda muito introdutórias, mas o desejo é de que quanto a *virtude*, por exemplo, que um esquema fique claro e evidente, em três pontos cruciais e eficazes, para realmente uma busca fundamental pelo ato virtuoso, que é caminho para o *bem* almejado. Segue um esquema para a vivência da *virtude* e galgar para a finalidade natural:

1º toda obra seja feita por convicção, com intenção clara, não por ignorância sem saber onde se dará tal obra;

2º por causa das obras em si, por si, as faça, empenhe-se nas obras não por alguma paixão, não com temeridade; e

3º tenha constância no propósito, e ainda, seja firme sem que nada ao exterior exerça qualquer influencia ou talvez remova ou furta sua intenção primeira.

O hábito da *virtude*, a operação dela mesma, deve ser algo firme e seguro, sabendo do que se trata, deve o indivíduo tudo fazer com intenção reta. É um abrir-se do *ser* para a vida de perfeição, uma entrega total para o agir regrado, mas que tem uma bonita face de liberdade, pois o homem devotado à *virtude* este está no seu caminho natural. Infeliz o homem que não se abre a busca pelo *bem* sua finalidade e razão do seu agir. A *virtude* é o caminho.

⁶⁷ REALE. Filosofia: Antiguidade e Idade Média, 2017, p. 220.

CAPÍTULO III

A FELICIDADE DO HOMEM

Para completar a apresentação deste caminho, proposto para o homem que deseja ser feliz, que tem o puro desejo de empenhar-se unicamente na causa de sua vida, na busca fundamental, que é natural ao homem: a busca da *felicidade*. Neste último capítulo, também, pretendemos delinear o que de fato é a finalidade do homem e como propriamente se dá a *felicidade* para nosso autor.

Com igual simplicidade, continuamos a fazer uso dos *Comentários* de Santo Tomás de Aquino às obras de Aristóteles, principalmente os comentários feitos à *Ética* do estagirita. Mas, especialmente neste último recorte da *Ética* aristotélica, consideraremos as falas do filósofo e teólogo, Doutor da Igreja, Santo Tomás, com suas demais obras.

A pretensão que se tem ao citar a visão de S. Tomás, é a de mostrar, que em outro período da história – no caso o período medieval –, a concepção aristotélica da finalidade do homem, do *bem* e da *felicidade*, recebeu a mesma roupagem, o plano de fundo foi o mesmo que Aristóteles usou para fundamentar sua teoria. E igualmente, desejamos reafirmar que na atualidade o mesmo trajeto deve ser seguido, faz-se importante considerar ser a teoria aristotélica, digna de ser retomada nos planos de instrução da formação humana.

1. Nuances da biografia de Santo Tomás de Aquino

Santo Tomás nasceu na região de Aquino que é pertencente da Roccasecca na Itália. É datado seu nascimento por volta do ano de 1225. Muitos próximos de Tomás eram militares, sua família se dedicava especialmente a essa carreira e também havia presença na vida religiosa entre eles, pois um dos familiares fora Abade do importantíssimo Mosteiro de Monte Cassino. Então, neste ambiente, o pai do jovem Tomás, sonhava com seu filho seguindo o mesmo caminho, provavelmente o do tio, entregando sua vida ao Monastério e ao estudo, porque desde sua terna juventude Tomás demonstrava grande potencial ou capacidade intelectual. Igualmente na juventude, apresentava bonita piedade e devoção, o que o diferenciava dos outros

jovens.

Na escola de Monte Cassino iniciou seus estudos, com maior densidade, um jovem de elevada condição intelectual. Expressiva é a possibilidade de que tenha sido ali que Santo Tomás tenha tido o contato primeiro com as obras de Aristóteles, também encontrando outros filósofos que fortemente o influenciaram na produção filosófica e teológica, como Averróis e Maimônides. A vontade de sua família era de que Tomás ingressasse e perseverasse na vida Monástica, ali ele passou pouco tempo, e contrariando aos familiares, ingressou na Ordem dos Pregadores. Junto dos Dominicanos seguiu com seus estudos, aprofundando absurdamente na filosofia aristotélica. Criando tamanha predileção por este clássico pensador e filósofo, que Tomás em suas obras, posteriormente, chamará Aristóteles de O Filósofo. Por fim, é em Paris que Tomás encontra outro grande homem, que por sua vez, também grandemente influencia seu pensamento, Alberto Magno, que é Doutor da Igreja.

A contribuição de Santo Tomás é insondável e infinitamente elevada, muitos disseram que foi um conhecimento que brada aos céus com um grande louvor, pois foi uma contribuição enorme ao Cristianismo, bem como, para toda a civilização Ocidental. Santo Tomás adentrou, mergulhou no conhecimento dos pagãos, fazendo uma viagem ao conhecimento dos antigos, anterior até mesmo ao Cristianismo, para trazer até aos tempos hodiernos um postulado do conhecimento contemplativo da verdade.

S. Tomás se tornou um dos maiores expoentes da Escolástica – um período de tratamento da filosofia com bases cristã –, pois, pôde trazer de contribuição, talvez de maior relevância do campo filosófico, em meio ao momento conturbado da Idade Média: uma elevação e/ou um destaque louvável à compreensão antiga e pagã dos princípios, juízos e concepções do homem e da obra criada, traduzindo a filosofia, principalmente de Aristóteles, para uma aplicação na realidade do Cristianismo, com sua visão religiosa – e concomitantemente, uma aplicação também antropológica, talvez, possa se dizer que também, teve uma bonita contribuição na esfera social em algum sentido.

A dialética de Aristóteles, toda essa teoria de discurso e método de investigação, eminentemente filosófica, foi assumida por S. Tomás. A dialética

aristotélica é o confronto de ideias divergentes, sem o receio de que sejam destrinchadas, nos minuciosos detalhes, cada opinião ou defesa. O que o estagirita percebeu foi que o embate entre as divergências, levava as partes ao encontro da verdade, este que possivelmente fosse o receio de muitos, encontrar a verdade, o que não é fácil aos homens, mas que ao mesmo tempo, é uma tendência humana: buscar a verdade.

Os passos da dialética são em suma: [1] acolher o enfrentamento das divergências e partes; [2] assumir as dificuldades do embate, acolher as discussões e refinando-as detalhadamente, lutar com essas questões; e por fim, [3] fazendo distinções, chegar ao crescimento, e ao encontro com novas ideias – que são verdades, que expressam o mais essencial, o que de fato é o *ser* das coisas.

Os cristãos na história sempre experimentam de forma semelhante esse movimento dialético, pois, as fontes da revelação divina e o apanhado da tradição filosófica estão sendo constantemente conhecidos e tendo de se fazer as devidas distinções e relações. O processo é de crescimento e amadurecimento frente a busca do que é verdadeiro, e isto exige. Mas, em contra partida, os filósofos e cristãos na história têm postulado até os tempos hodiernos, formas de se lidar com isto.

2. O Fim último do homem sublinhado por Santo Tomás

Em comum acordo com seu mestre, S. Tomás diz que a *felicidade*, é aquilo que há de melhor, por assim afirmar, é o *bem perfeito* e fim último que se basta, que se sustenta a si mesmo. Já havíamos visto definições e devida reflexão como esta no início de nosso texto, mas, cabe reafirmarmos por tamanha verdade. O Doutor da Igreja⁶⁸, considera a todo homem um fim, este no caso, que seja o último e *superior finalidade*. Ensina na *Suma Teológica* que toda ação humana tem por vista um fim, este que é objetivado pela vontade:

São ditas ações propriamente humanas as que procedem a partir da vontade deliberada [...] Ora, é manifesto que todas as ações que procedem de alguma potência, são causadas por ela segundo a razão de seu objeto. O objeto da vontade é o fim e o bem. Donde é necessário que todas as ações humanas ocorram em vista de um fim⁶⁹.

S. Tomás considera o problema de o *fim último* estar relacionado a uma gama de causalidades, em que tudo se relaciona, e, antes ainda, o fim é relacionado a um universo minuciosamente ordenado. Claro, que tem um princípio primeiro, e obviamente, que tem uma causa primeira ordenadora de tudo o mais.

No trecho seguinte, veremos que S. Tomás, diz ser a ordem do universo: a própria causa de todas as coisas juntas serem “muito boas” aos olhos do Criador, isto é, salienta a importância da intrínseca interligação de todas as coisas, voltadas a uma finalidade única. Diz S. Tomás:

O bem da ordem dos diversos é melhor do que qualquer um dos ordenados, considerados em si, pois é formal em relação ao singular, como a perfeição com relação às partes [...] Por isso é dito no Gênesis (1,31): “Viu Deus todas as coisas que fizera, e eram muito boas”, como se dissesse das coisas singulares que são [apenas] boas. Porque, de fato, as coisas singulares são boas em suas naturezas; todas juntas, no entanto, são muito boas, por causa da ordem do universo, que é a última e nobilíssima perfeição nas coisas⁷⁰.

O universo é todo perfeito em sua ordem, ele não é composto de seres dissociados e dispersos, pelo contrário: está todo interligado, unido. Cada qual dos

⁶⁸ São Tomás de Aquino, também podendo referir-se como “Santo Tomás”, é reconhecido e a ele se dirigem por vários títulos, tais como: “Príncipe Escolástico”, “Doutor Angélico” e “Doutor Universal” ou “Doutor Comum”, isto por ser reconhecido universalmente como o maior entre os filósofos e teólogos da escolástica medieval, como também, o mais venerado dos Doutores da Igreja pelo primor de sua doutrina.

⁶⁹ Suma Teológica, I-II, q.1, a.1.

⁷⁰ Suma Contra os Gêntios, II, 45.

entes tem suas funções e finalidades. Inclusive os entes, no nível da singularidade, têm uma essência definida, esta por sua vez, tem uma causa própria e que também, por fim, possui sua causa. Nisto consiste a complexa série de causalidades que tem por origem um *Ser* supremo. Esta linha ordenada faz com que seja possível a realidade, é o que a constitui.

Veja que estas colocações da visão do Doutor Angélico, ainda estão na teoria de Aristóteles. Pois somente compreendem este universo que acabamos de desenhar, aqueles que fazem uso do intelecto ativo. Somente o ser humano apreende o que é envolto na ordem perfeita dos entes em relação ao *Ser*. Não é possível que se abstraia de forma computacional ou que um intelecto passivo, adentre na compreensão dos entes e do *ser* das coisas. O ente tem seu fim próprio e serve aos entes superiores, nesta realidade, todos eles aos seus modos, em função de si, participam da perfeita coletividade do universo, do ordenamento do Cosmo que constitui uma bela volta, funcionam como que reflexos do *Ser* supremo que é a Causa Primeira.

Esta Causa Primeira merece uma definição, aliás, para compreendermos com clareza o que seja o princípio ordenador de todas coisas, o que ordena todo o universo e faz com que na operação singular do *ser*, tudo se encaminhe para a finalidade de todos.

Na *Suma Teológica* quando se deve apresentar uma solução aos problemas postos em relação a Causa Primeira, S. Tomás usa de cinco vias pelas quais se pode provar a existência de Deus. Na primeira via, o Doutor Angélico coloca a ideia de movimento, a noção de potência e ato; a mudança do estado potencial ao ato em si, ao acontecer ou realização das coisas. Por etapas compreendemos a fala do Doutor: o primeiro princípio é de que tudo o que é movido, o é por outro, nada move a si mesmo; depois, é que se seguir desta forma: um motor que dá o *start* ao outro, é logicamente antes, movido por um anterior, e se seguiria até ao infinito desta forma, um motor a mover um outro. Portanto, deve se ter um primeiro motor, no caso o imóvel, que antes não foi movido por nenhum outro, que inicia a sucessão de movimentos, que é a Causa Primeira. Vejamos o que fora dito por S. Tomás:

Por cinco vias pode-se provar a existência de Deus. A primeira e mais

manifesta é a procedente do movimento; pois, é certo e verificado pelos sentidos, que alguns seres são movidos neste mundo. Ora, todo o movido por outro o é. Porque nada é movido senão enquanto potencial, relativamente àquilo a que é movido, e um ser move enquanto em ato [...] tudo o que é movido há de sê-lo por outro. Se, portanto, o motor também se move, é necessário que seja movido por outro, e este por outro. Ora, não se pode assim proceder até ao infinito, porque não haveria nenhum primeiro motor e, por consequência, outro qualquer; pois, os motores segundos não movem, senão movidos pelo primeiro, como não move o báculo sem ser movido pela mão. Logo, é necessário chegar a um primeiro motor, de nenhum outro movido, ao qual todos dão o nome de Deus⁷¹.

Algo a se considerar tão logo, é que a *felicidade* está na operação, circunscrito dentro da ordem de todas as coisas, o indivíduo se empenha em busca-la, mas, não está no que muito se confunde por *felicidade*, que são, no entanto, as falsas sensações de vida feliz. A *felicidade* não deve ser criada, mas em uma concepção cosmológica, ontológica e ainda metafísica, a *felicidade* deve ser encontrada.

Todos os entes, participantes do *Ser* supremo, submissos à Causa Primeira, serão levados a contemplação da verdade, onde encontra a finalidade do homem, onde está a *felicidade* humana. A contemplação da verdade – sendo o *fim último* do homem e de todas as coisas –, veremos no dizer do Doutor Angélico, é o *bem* do intelecto. A Causa Primeira ou primeiro autor, é o intelecto e o fim é o *bem* do intelecto.

Para tal caminho do qual insistentemente tratamos neste trabalho, os passos a serem dados para o *fim último* do homem, faz-se bom usar e salientar a fala de S. Tomás ao começar a sua obra *Suma Contra os Gentios*:

O fim último de cada coisa é o que está na intenção de seu primeiro autor ou motor. Ora, o primeiro autor ou motor do universo é o intelecto, [...] Logo, o fim último de todas as coisas deve ser o bem do intelecto. Este bem é a verdade. Portanto, a verdade deve ser o fim último do universo [isto é, de todas as coisas]; e a sabedoria deve empregar-se sobretudo em sua contemplação⁷².

O *bem* é a verdade, e já vimos o que Aristóteles afirmara: o agir do homem é todo objetivado ao *bem superior*. Nada com o que o homem se preocupa é em vão ou vazio, naturalmente sabemos buscar a sua finalidade que é contemplar a verdade, que é a *suma felicidade*.

A contemplação da verdade – da qual está S. Tomás e Aristóteles junto de toda

⁷¹ Suma Teológica Ia, q.2, a.3.

⁷² Suma Contra os Gentios, I, 1.

a tradição filosófica, afirmando ser a suma felicidade do homem –, consiste em uma atividade própria da *alma* intelectual. Quer dizer, é uma atividade como vimos anteriormente, eminentemente dos que possuem pleno uso da razão, que tem um agir pautado na lucidez da atividade da *alma*. Logo, não é uma ação composta tão somente de princípios psicológicos, mas também éticos, incluindo aliás, a colaboração de toda a sociedade civil. É tarefa da Ética: a condução, do indivíduo ao seu *fim último*.

Usando do comentário que o Príncipe da Escolástica faz à Ética de Aristóteles, como que sublinhando a grande verdade do fim único, mostrando que a operação ou escolha é sempre ato para uma finalidade, mas, que nem sempre é a última e única. Vejamos como anteriormente já explorado, que a *felicidade* consiste no *bem perfeito* e *supremo*, este é único, portanto, é necessário transcender esta pluralidade, afim de chegar ao *único bem*. Diz S. Tomás:

Este bem pretendido em qualquer operação ou escolha é dito fim. E isto porque o fim nada mais é do que aquilo por cuja causa as outras coisas são feitas. Se, portanto, existir de modo imediato algum fim, ao qual se ordenam todas as coisas que são operadas por todas as artes e operações humanas, tal fim será o bem operado de modo simples, isto é, o pretendido por todas as obras humanas. Se, porém existirem diversos bens aos quais se ordenam os diversos fins das diversas artes, será necessário que a inquisição de nossa razão transcenda esta pluralidade, até alcançarmos algum único [bem]⁷³.

S. Tomás diz, de a necessidade da razão humana transcender a pluralidade e chegar a uma única finalidade, porque toda arte ou ordem têm um único fim, ele oferece o exemplo da medicina que detém um fim único para toda arte medicinal. O mesmo para os homens, isto por causa da unidade da natureza humana. Já claro, mas digamos juntos do estagirita e do medieval, e dessa forma sempre será para os homens: “este fim último do homem é dito bem do homem, que é a felicidade”⁷⁴.

Sinteticamente podemos dizer ser, o *fim último* da vontade humana, a finalidade do homem, simultaneamente: [1] Desejado por si mesmo, elegido por si e não por causa alguma; [2] Bem perfeito; e por fim, ser [3] Suficiente por si mesmo. Estas são as características fundamentais do *fim último*, e como já dito, são os pontos que o caracterizam de modo principalíssimo.

⁷³ AQUINO, Comentário à Ética e à Política de Aristóteles 2020, v. 1, p. 27.

⁷⁴ AQUINO, Comentário à Ética e à Política de Aristóteles 2020, v. 1, p. 27.

3. A operação da felicidade: contemplação da verdade – teoria aristotélica

Cabe ainda considerar alguns pontos quanto a *felicidade* para Aristóteles. Nos comentários de S. Tomás, no início do livro X, é considerado que para O Filósofo, a *felicidade* não é hábito e sim operação. Além, de que o homem tem uma operação que lhe é própria, sem a qual, obviamente, o homem não é feliz. O Príncipe da Escolástica explica que qualquer coisa que tenha operação própria, tem nessa operação seu *bem*.

Em relação a *felicidade* que é operação, ainda existe o acréscimo de que é uma operação elegível segundo *se*, e não por causa de outra, é elegível por si mesma. Algumas operações são elegíveis por necessidade de alguma outra, a operação da *felicidade*, por sua vez, não é dessa forma, S. Tomás expõem que esta operação naturalmente é suficiente em si, já que é da natureza da *felicidade* que ela seja suficiente *per se*.

Acerca das operações, existem algumas que são necessárias para [que por ela seja possível] uma outra, sendo, [portanto], elegíveis por causa de outra, não sendo apetecível senão por causa de um fim. Existem também outras que são elegíveis segundo si mesmas, porque se nenhuma outra coisa delas proviesse, todavia em si mesmo teriam por onde ser apetecidas. A felicidade está contida debaixo daquelas operações que são elegíveis segundo si mesmas, e não daquelas que são elegíveis por causa de outra.⁷⁵

São por estas operações serem buscadas por elas e não por motivos outros, e por nada mais interessar do que a operação em si, ou, por nada mais ser necessário do que elas mesmas, que cabe-nos concordar com a afirmação: “assim é evidente que a felicidade é operação elegível segundo *se*”⁷⁶.

As operações elegíveis *per se* se dividem em duas espécies, as primeiras são as segundo a *virtude*, que são elegíveis segundo o que é bom para o homem.

A primeira [espécie] de operação elegível *per se* são as operações que o são segundo a *virtude*, porque é *per se* elegível ao homem, que faça eleição das coisas que são boas e honestas *per se*. De onde que alguns disseram que o honesto é aquilo que por sua força nos conduz e por sua dignidade nos atrai⁷⁷.

⁷⁵ AQUINO, Comentário à Ética e à Política de Aristóteles 2020, v. 1, p. 333.

⁷⁶ Ibid., p. 333.

⁷⁷ Ibid., p. 333.

A segunda espécie, são as segundo os deleites contidos nos jogos e brincadeiras. Tais espécies são consideradas operações elegíveis *per se* pelo fato de o homem as buscarem por elas mesmas. S. Tomás oferece várias razões para que a operação da *felicidade* não esteja nas brincadeiras e jogos. A *virtude*, pois, sabemos ela ser boa e benéfica por ela mesma, e assim entendemos e justificamos ela se eleger e ser o lugar da operação da *felicidade*; os jogos o homem os buscam sem pretensão nenhuma, sem motivo algum, nada além do puro conviver neles, este é talvez o motivo de tanto ser buscado. Outro motivo é de que os homens buscam o poder, mas tão somente por uma sensação de poder mundano, falsa felicidade, pois não se tem excelência alguma nisto, dos melhores jogadores quanto aos piores.

Fica evidente que a operação elegível *per se*, que é capaz de *felicidade*, estar na *virtude*, da qual sabemos falar de excelência e último fim, o mais perfeito no caso, que é a *felicidade* do homem. A *felicidade* é operação segundo a *virtude*, e já comentado, é segundo a *virtude* ótima, esta que é segundo a melhor potência e entende-se então, que “a operação ótima do homem será a operação daquilo que é ótimo no homem, que é, segundo a verdade da coisa, o intelecto”⁷⁸.

A operação própria do homem em um grau elevado e dito mais perfeito, é conhecer o inteligível mais perfeitíssimo:

Quanto maior é o grau de ser maior é a capacidade de conhecer e ser conhecido e, por conseguinte, tanto maior a capacidade de se conhecer a se mesmo e de conhecer todas as coisas. O Ser em plenitude é também a plenitude da inteligência e a plenitude da inteligibilidade⁷⁹.

São vários os argumentos para sustentar que a *felicidade* é operação especulativa, que é operação do intelecto segundo sua própria *virtude*, S. Tomás tem um grande trabalho para afirmar isto junto de Aristóteles. E o caminho tomado por S. Tomás em seus comentários à *Ética*, se concentra em esclarecer de que a *felicidade* é operação perfeita da potência mais perfeita, e que já sabemos ser sustentada pelo hábito que é a sua *virtude* própria.

O Doutor Angélico comenta ainda, qual seja essa *virtude*, dando a evidencia de

⁷⁸ AQUINO, Comentário à *Ética* e à *Política* de Aristóteles 2020, v. 1, p. 336.

⁷⁹ SERTILLANGES, A. D. *As Grandes Teses da Filosofia Tomista*. Campinas: Calvariae Editorial, 2019, p. 41

que a operação especulativa é a própria do intelecto segundo sua *virtude*, a saber: a *sabedoria* – a *sophía* –, que é capaz de compreender as *virtudes* pertencentes a inteligência e a ciência. Aqui cabe uma distinção: entre o intelecto ao que nos referimos e “intelecto” enquanto potência da alma. Nos detemos em considerar o intelecto qual seja, *virtude* das cinco listadas por Aristóteles como dianoéticas. A *virtude* da inteligência, intelecto ou entendimento, é a *virtude* homônima, que dá ao intelecto (potência) a condição de intuir os princípios do científico e demonstrável.

Já dissemos, que a *virtude* própria do intelecto é a *sabedoria*, ao passo de que a *virtude* própria da inteligência prática é a *prudência*, da qual se cadencia a mediedade capaz de constituir as *virtudes* morais. Isto posto para esclarecer, que a melhor operação das humanas, é sem dúvida alguma, a especulação da verdade. S. Tomás oferece razões suficientes em seu *Comentário à Ética e à Política* de Aristóteles, para crer na superioridade da operação, e fazemos das razões, a justificativa, a qual usamos para elevar o caminho explorado, rumo a *felicidade* humana:

A começar pela que tira do sujeito e do objeto da operação mesma dois lados: o intelecto, princípio, que é o que temos de melhor; e de outro lado, entre todas as coisas possíveis de se conhecer, as inteligíveis são as melhores, principalmente as divinas. Nisto consiste a *felicidade* humana, no conhecimento intelectual e real da verdade nas coisas, no conhecer a verdade do *Ser*.

Uma segunda razão explica que a *felicidade* tem o caráter de permanência, tanto que se sabe, a atividade intelectual, usa minimamente do corpo, não se cansando como se pensaria, caso fosse usado. A descontinuidade está no labor do corpo, o que não se tem na especulação da verdade. E a continuidade consiste na especulação intelectual e não corpórea.

Mais uma justificativa é a que considera os prazeres da operação elevada da *virtude*, que se deleita não pela materialidade das sensações, mas muito mais no empenho dedicado à contemplação da verdade, que tem por consequência um prazer admirável, pois é imaterial, não são sólidos. A contemplação da verdade tem nela mesma e no empenho para tal, um gozo inenarrável, se sabe que é sublime.

Uma quarta razão é de que a *felicidade* requer que seja suficiente, que tenha suficiência quanto ao *bem*, que se basta, em si. O sábio especulativo, pode assim viver quanto a verdade por si, já que a operação perfeita é intrínseca, não procedendo ao exterior. A contemplação requer um recolhimento e uma singularidade.

Uma razão mais, é quando se demonstra que a *felicidade* é um *bem* apetecível por si mesmo, já que não se a deseja por outra coisa, por convenções segundas. A operação da sabedoria, que é amada por si mesma, é operação previsível e caminho seguro do sábio. Porém, algo que se sobrevenha ao sábio é acidental. O sábio é privilegiado diante do caminho aqui comentado, pois tem no imanente a realização e o plenificar de seu desejo, consegue ele contemplar como é natural em si.

Por fim deve se justificar que existe uma razão que é a do descanso, a *felicidade* consiste em um repouso, diferente da estagnação ou estado de dormência, mas a operação existe para o que se encontra na finalidade dela, que é, sem confusões de termos, o descanso na *felicidade*, fora da qual, nada mais necessita e anseia, basta a contemplação plena do *bem superior*, da verdade.

Fica a exclamação da máxima: de que a contemplação é o ápice da vida do homem, é o ponto mais alto do que se sabe ser da natureza humana, é a realização de si no *bem* tão almejado e galgado, buscado.

Usamos os textos do Príncipe da Escolástica, S. Tomás, para fundamentar a contemplação da verdade e dizer, que na contemplação verificam-se todas as condições da *felicidade*:

Pois somente esta operação do homem é-lhe própria, e nela de nenhum modo participa nenhum dos outros animais. Esta operação, além disso, a nenhuma outra coisa se ordena como ao fim: pois a contemplação da verdade é procurada por causa de si mesma⁸⁰.

Nesta operação perfeita e sublime – usando-se da razão humana, onde se tem a liberdade verdadeira, pois se dá a operação na inteligência é tudo marcado pela perfeição.

Deve o homem procurar o que há de maior e mais perfeito, que é a verdade

⁸⁰ Suma Contra os Gentios III, 37.

como seu fim, como *bem*, o que é o encontro com a beleza, da qual concordamos anteriormente estar no *Ser Superior* e ordenador de todo o Cosmo. Para o caminho Cristão, o qual delineou Santo Tomás, certamente é Deus Criador de todas as coisas esta beleza à qual tudo pende naturalmente. A contemplação da verdade é o reconhecimento de algo maior e provedor de tudo, que está para além de mim mesmo.

Termino por sublinhar um trecho do dizer de um autor da filosofia da educação, o qual em suas obras se preocupou em delinear um caminho, seguro, para a contemplação da verdade:

Não há dúvida, a inteligência humana é feita para a plenitude da verdade e do Ser. Não para se encerrar dentro de si. O princípio da imanência é um monstro que enclausura a inteligência. Ela se libera, quando conhece algo diverso de si mesma. Não pode bastar-se com a melancólica visão estreita das próprias operações. Só Deus, infinito, vive para seu próprio Ser e infinita contemplação de si mesmo. Nossa inteligência busca este infinito Ser: procura-o, através das penosas abstrações e raciocínios, nas criaturas – reflexo de Deus – para afinal descansar em Deus, na mais espontânea e feliz das operações. Na mais livre também, porque então o Ser infinito é a sua prisão. A inteligência é rainha quando é escrava de Deus⁸¹.

A *felicidade* do homem, está no descansar em seu *bem* mais perfeito: a contemplação da verdade.

⁸¹ SIQUEIRA, A. A. Filosofia da Educação. Petrópolis: Vozes, 1942, p. 29.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda a tradição filosófica em séculos se desdobra por investigar o que seja o homem, é uma constante as indagações referidas às questões que envolvem o ser humano. Mesmo que não tenha sido este o recorte trabalhado nesta monografia, nós podemos dizer ter feito uma investigação, com caráter muito introdutório, de certa parte ou de apenas uma vertente de todo interesse que se tem no estudo da natureza do homem.

Esta vertente foi a da finalidade da vida humana. Perguntamo-nos: em que o homem se desdobra durante todo o seu trajeto de vida? Com grande segurança afirmamos junto de nosso autor Aristóteles, que seja o seu empenho todo devotado para o seu fim, o fim do homem, que é a sua *felicidade* plena, esta que consiste na contemplação da verdade.

A teoria aristotélica da Ética, é a tomada por diversos autores até a contemporaneidade, isto por evidenciar como é o agir do homem e ao que ele é objetivado. Vimos no decorrer deste trabalho justamente qual seja o objetivo da ação humana: é o *bem* que pode haver na finalidade particular de “cada mover de dedos”. Os bens todos que se encontram na atividade humana, estão todos subordinados ao *bem superior*, o *supremo* fim de todas as coisas e sabemos claramente como já afirmamos ser a *felicidade*.

É uma grande crise a que a humanidade atualmente enfrenta, um vazio de sentido, uma inversão de valores e um desrespeito mútuo, a própria pessoa humana se digladiando, e podemos concluir, ao menos parcialmente, o que seja o motivo para esta situação, que em alguns casos até mesmo tem cenário desumano: a sociedade hodierna desconhece a sua própria constituição, dizemos no texto anterior: somos seres que detentores de uma *alma* dotada de inteligência e toda capaz de uma vida plena, aqui no imanente, somos um ser capaz de humanidade e equilíbrio pelo uso da razão.

Faz-se urgente a disseminação do conhecimento da natureza do ser, este que participa de um Ser superior e todo harmonioso, que eleva a todos pelo agir do homem mesmo ao gozo pleno e subsistente: a contemplação do bem do intelecto: a verdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Primária

ARISTÓTELES. **Da Alma**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Edson Bini. 2 ed. São Paulo: Edipro, 2012.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Edson Bini. 4 ed. São Paulo: Edipro, 2014.

Secundária

AQUINO, São Tomás de. **Comentário à Ética e à Política de Aristóteles**. Foz do Iguaçu: Associação Centro Cultural Hugo de São Vitor, 2020.

AQUINO, São Tomás de. **Contra os Gentios**. 2 ed. Campinas: Editora Ecclesiae, 2017.

AQUINO, Santo Tomás de. **Suma Teológica**. v. I, parte Ia. 4 ed. Campinas: Editora Ecclesiae CEDET, 2016.

GARDEIL, Henri-Dominique. **Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino: psicologia, metafísica**. São Paulo: Paulus, 2013.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Paulus, 2017.

SERTILLANGES, Antonin Dalmace. **A Vida Intelectual**. Campinas: Kírión, 2019.

Terciária

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

SIQUEIRA, Antônio Alves de. **Filosofia da Educação**. Petrópolis: Vozes, 1942.

SARTORIO, R. **Ética eudemia Edición y material didáctico**. Madrid: Alhambra, 1985.